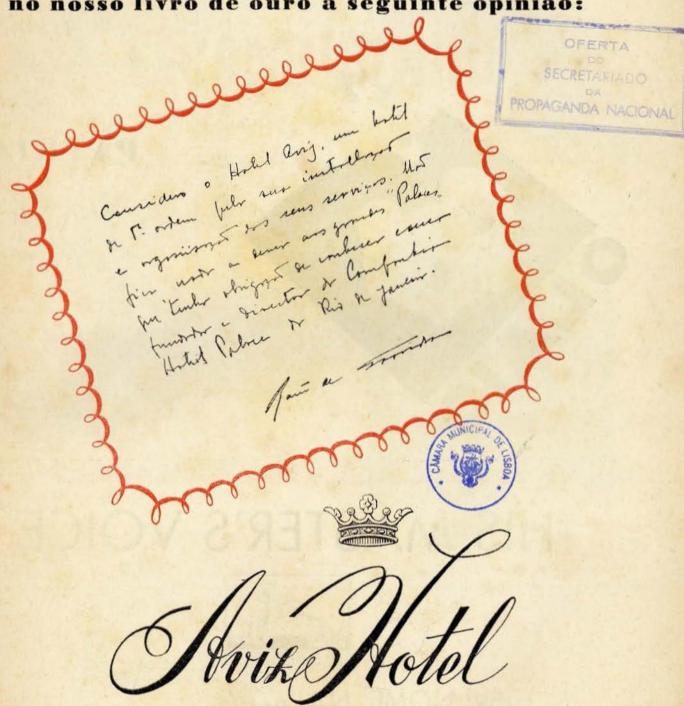
PANORAMA

numero 1 - ano 1 - 1941

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

Barão de Saavedra, ilustre viajante, exarou no nosso livro de ouro a seguinte opinião:

AVENIDA FONTES * LISBOA * PORTUGAL

Se tens orgulho de ser português contribui para a valorização dos meios que asseguram a invulnerabilidade da tua

PATRIA

Lê - Assina - Divulga

a revista mensal

DEFESA NACIONAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA ALVES CORREIA, 34 . LISBOA
TELEFONE 2 1411

HIS MASTER'S VOICE

RÁDIO

DISCOS

O MAIOR NOME NA REPRODUÇÃO DE SOM

EST. VALENTIM DE CARVALHO * 97, R. NOVA DO ALMADA, LISBOA

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Mantém a Vacuum os mais bem apetrechados laboratórios da sua especialidade, nos quais trabalham engenheiros formados nos mais importantes institutos técnicos do mundo.

Dedicam-se tais laboratórios a investigar os melhores metodos de fabricação e de utilização dos variadíssimos derivados do petróleo, pois só assim é possível seguir a doutrina adoptada por esta Companhia desde a sua fundação, e que consiste em aperfeiçoar constantemente a qualidade dos seus produtos.

GARGOYLE

MOBILOIL

VACUUM OIL COMPANY

SOCIEDADE DE VINHOS
BORGES & IRMÃO, L.DA

VILA NOVA DE GAIA — PORTUGAL

O MAIS ANTIGO ESTABELECIMENTO PENINSULAR

MARCA REGISTADA

QUINTA DAS VIRTUDES
PÔRTO

OS SEUS ADUBOS, ÁRVORES, FLÔRES E SEMENTES SÃO PREFERIDAS POR TODOS OS QUE SE INTERESSAM PELOS BONS RESULTADOS DAS CULTURAS

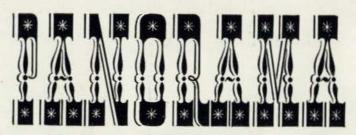
CONSTRUÇÃO DE JARDINS, PARQUES E POMARES

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner Concert

/ AMERICAN BAR /

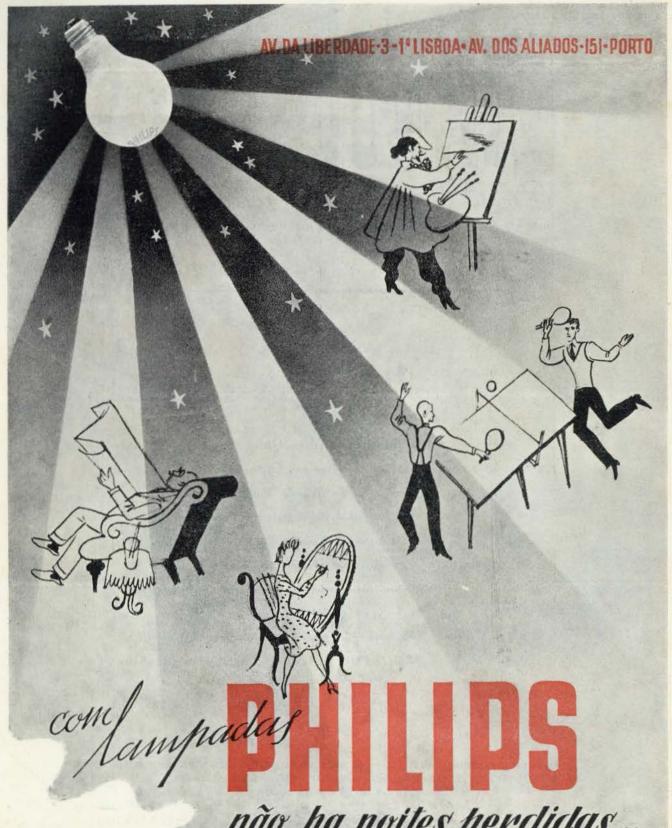
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA, 277, 2.º — LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO MENSAL DO SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL

JUNHO, 1941 N.º 1 VOLUME 1.º

CAPA DE BERNARDO MARQUES — MAPA DE ROBERTO DE ARAÚJO — DESENHOS DE CARLOS BOTELHO, OLAVO E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE MÁRIO NOVAES, ROGER KAHN, CESAR DE SÁ E HORÁCIO NOVAES

DISTRIBUÏÇÃO EXCLUSIVA DA EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º — LISBOA

PREÇO: 2$50

as lâmpadas fôscas protegem melhor a vista

Publicidade PANORAMA

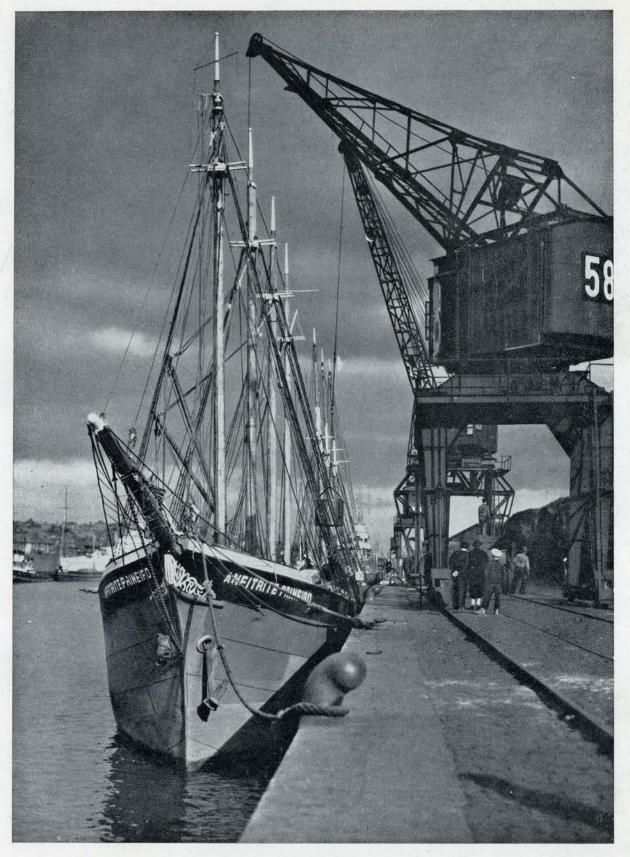
é uma palavra que o génio criador dos gregos inventou e tôdas as línguas europeias perfilharam, com a mesma ortografia e quási com a mesma pronúncia. Como, talvez, nenhuma outra sintetizasse, tão bem como ela, nos seus vários sentidos, o que desejávamos que fôsse esta revista, resolvemos escolhê-la para título — apesar de não ignorarmos que durante longos anos, no século passado, um periódico português do mesmo nome entreteve a curiosidade de milhares de leitores, ficando a constituir importante repositório da cultura e dos costumes da época.
Não faltam hoje, entre nós, publicações onde se exaltem e arquivem os feitos e os documentos do nosso passado glorioso. Não diremos que elas sejam excessivas. Julgamos, no entanto, indispensável a existência de outras, destinadas a projectar no futuro o significado da nossa presença.
É essa a principal finalidade de **PANORAMA:** ser um lugar onde possa evocar-se o que há de mais vivo e característico no País, e lhe imprime, por isso, fisionomia própria, expressão diferenciada.
Daí, o interêsse que nos merecem, a par do pitoresco da nossa **païsagem** (rural e urbana, continental e ultramarina); a par das **produções de arte** (culta e popular), onde perdura ou se renova o génio nacional, tôdas as manifestações do espírito realizador, da capacidade construtiva, dos recursos vitais da nossa terra — e que são, em síntese, as **obras públicas** e os **produtos industriais.**
De tudo isto se alimenta e se engrandece o **turismo.** Porque o **turismo,** tal como devemos concebê-lo, é, antes de mais nada, *a arte de animar em nós próprios o orgulho de sermos nacionais.* E só depois poderá ser — simultânea ou imediatamente — *a arte de atrair os estrangeiros.*
Para servir a primeira, publicar-se-á **PANORAMA,** mensalmente, em português. Para servir a segunda, é nosso intuito lançar, dentro de algum tempo, uma edição trimestral em língua francesa.

PÔRTO DE LISBOA

por

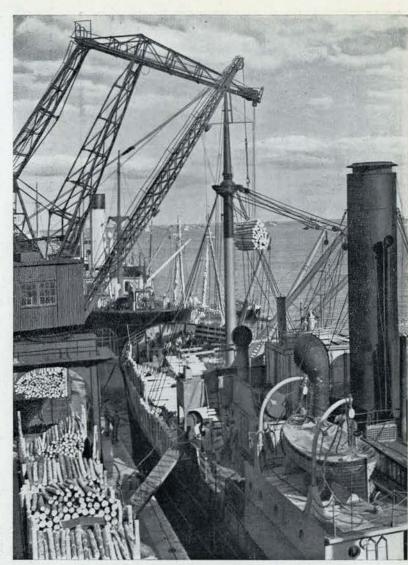
José Osório de Oliveira

NUM dos seus *Pequenos Poemas em Prosa,* Baudelaire pregunta à sua alma: «Diz-me, ó minha alma, pobre alma friorenta, que pensarias tu de ir habitar Lisboa? Ali deve fazer calor; ali te sentirias feliz como um lagarto ao sol. Essa cidade fica à beira da água; diz-se que é construída em mármore e que a sua gente tem tal horror ao vegetal que arranca tôdas as árvores. Eis uma paìsagem a teu gôsto; uma paìsagem composta de luz e de mineral, com um espelho líquido para os reflectir». Quem, dos miradouros de Lisboa, olha para a margem esquerda do Tejo; quem atravessa o rio e da outra banda contempla a cidade; quem, a bordo de um paquete, demanda o mar ou os cais do pôrto, não vê, realmente, vegetação, mas apenas luz e casario reflectindo-se no cristal das águas. Os edifícios não são de mármore, mas a cal ou as claras côres de que estão pintados dão a impressão de que, de facto, a cidade é construída em pedra. Vista do castelo de Almada, quási de ponta a ponta, tôda aos altos, dir-se-ia um amontoado ciclópico de pedras. «Città improvvisa come un'avventura», lhe chamou um poeta italiano, e o aspecto que Lisboa oferece, vista de fora, é, efectivamente, o de uma cidade improvisada, qualquer coisa de desordenado mas gigantesco. Quem vive em Lisboa, grande cidade marítima onde quási ninguém vê o rio, não tem bem a noção da sua grandeza. É preciso vê-la de fora, sobretudo quando se caminha para o Oceano ou dêle se regressa, para apreciar a monumentalidade do seu conjunto e o seu ar de cidade imperial.

Os habitantes de Lisboa, tirando os que vivem do mar, quási não sabem da sua vida marítima de grande pôrto. Poucas são as janelas da cidade abertas para o estuário imenso e maravilhoso. Do miradouro de Santa Luzia não se vê a parte mais movimentada do rio, embora através de Alfama chegue, a quem dêle se debruça, o ruído dos guindastes do Entreposto Colonial. À Senhora do Monte, voltada mais para a cidade do que para o rio, e muito distante, não chega a voz dos cais. De onde se percebe melhor que Lisboa é um grande pôrto é do Alto de Santa Catarina ou da Rocha do Conde de Óbidos, porque, aos olhos de quem de aí o contempla, o rio oferece o espectáculo da sua intensa actividade. Quantos habitantes de Lisboa, daqueles que tôdas as tardes se aglomeram no Chiado, se

Encostados a um dos cais do Pôrto de Lisboa, alguns dos barcos bacalhoeiros que sulcam, actualmente, o mar da Terra-Nova, esperam a hora da partida.

(FOTO CÉSAR DE SÁ)

lembram, porém, de que ali a dois passos, em Santa Catarina, um balcão lhes oferece espectáculo tão belo como é o dos grandes transatlânticos, já iluminados, ao cair da tarde? Quantos daqueles que se acotovelam no Rossio ignorarão os maravilhosos poentes sôbre o Tejo, que se podem contemplar do Cais das Colunas ou fazendo a travessia nos pequenos vapores das carreiras de Cacilhas, tão simpáticos, tão cordiais, tão humanos quási, e tão portugueses no seu ar de bonomia?

Quando muito, os lisboetas vão até ao Terreiro do Paço nas noites mais calmas de verão, ignorando tudo da vida do rio: os pescadores à linha da ponta do Cais do Sodré; as lentas fragatas deslizando carregadas de fardos, de sacos ou de barris, com a sua grande vela, tantas vezes rubra como um grito; as embarcações em repouso, onde fumega um fogareiro com a caldeirada; a descarga do peixe para a Ribeira, com a agitação do povoléu varino; os trabalhos da estiva nos cais onde acostam os cargueiros e os grandes paquetes luxuosos, com o ranger dos guindastes e dos guinchos; o movimento do desembarque de turistas nos cais da Rocha ou de Alcântara; o embarque dos emigrantes para o Brasil; a chegada ou partida dos navios portugueses das carreiras de África; os preparativos dos bacalhoeiros em vésperas de partida para os bancos da Terra-Nova; as reparações dos vapores nas docas sêcas e a construção de novos navios nos estaleiros, com o seu martelar metálico; a faina constante dos rebocadores e gasolinas, como gaivotas à roda dos grandes vapores; as

Aspectos diferentes de um grande pôrto de mar

Na frescura do Tejo, a frescura dos frutos . . .

tabernas da Avenida 24 de Julho, com o seu cheiro a peixe frito; as reüniões de embarcadiços à porta das agências de navegação ou das casas de pertences marítimos, na esplanada do café *Royal* ou nos «bars» meio-ingleses, em volta da Praça Duque da Terceira; todo êsse fervilhar ruïdoso e colorido que é o espectáculo mais curioso de Lisboa.

Quando encontrará o pôrto de Lisboa quem lhe escreva o romance-poema, como os cais da Baía e a vida marítima do Recôncavo encontraram em Jorge Amado? Não daria o Tejo um livro como o admirável *Mar Morto* do romancista brasileiro? Todo o estuário do Tejo, com as povoações da outra margem ligadas à vida fluvial: Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro, Seixal, Almada, Trafaria; com tôda a margem direita, das alturas do Mouchão-da-Póvoa até Cascais, com Sacavém industrial de um lado e, do outro, os centros de turismo, as praias de veraneio: Estoril, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço-de-Arcos, Caxias, com a mancha enorme de Lisboa de permeio, desde Algés aos Olivais, com as docas do Bom Sucesso, de Belém, de Santo Amaro, de Alcântara, de Santos, da Alfândega, do Terreiro do Trigo e do Poço do Bispo, ocupando uma área molhada total de 450.000 metros quadrados, com os seus cais acostáveis com cêrca de 13.000 metros de comprimento total! São 11.150 hectares, aproximadamente, de área molhada, e 2.000.000 de metros quadrados de área terrestre utilizável; e dêste pôrto se servem, por ano, perto de cinco mil navios, somando quási treze milhões e meio de tonelagem bruta, com um total de mais de duzentos mil tripulantes, embarcando mais de quarenta mil passageiros e desembarcando quási trinta e quatro mil, trazendo para cima de dois milhões de toneladas de carga com êste destino, embarcada nos mais diversos portos do mundo e em todos os pontos do Império Colonial Português, espalhando pelos cais os cheiros de todos os produtos dos Trópicos, convidando a partir para tôdas as latitudes!

Será possível que os homens de letras dêste país atlântico não sintam o que representa o pôrto de Lisboa e a poesia que há naqueles números de toneladas de carga ou de arqueação bruta, naquelas cifras de navios, de tripulantes e de passageiros de tôdas as raças e nacionalidades, com todos os convites do exotismo e da distância?

Um trecho do cais da nova gare marítima

Primavera

...E NÃO SE FALA DAS ANDORINHAS

É esta, decerto, a época mais aconselhável para viajar no nosso país. Infelizmente, nem todos os portugueses, para quem a paisagem constitui inestancável fonte de alegria, podem gozar os encantos de que ela se reveste na Primavera.

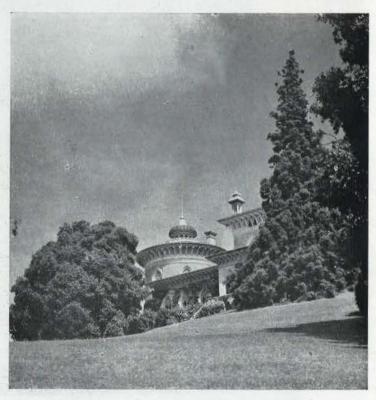
No Verão, onde quer que se procure recompor o organismo ou libertar o espírito do tumulto e das canseiras

citadinas, nem sempre é injusto dizer-se, em tom saüdoso: — Afinal, há mais frescura em certas ruas de Lisboa. Quem me dera lá estar!

A certeza de que a nossa paisagem influi, irresistìvelmente, na compleição lírica dos portugueses, adquire-se com a maior facilidade quando, numa destas luminosas tarde de Junho, nos dispomos a preencher o ócio de um feriado com um passeio bucólico. Então, pregunta-se: — Como poderíamos ser dramáticos (violentos ou cruéis), como poderíamos ser senão líricos, (brandos e amáveis), com êste azul tão cristalino, com esta luz tão cariciosa, com estas flores tão bonitas, com esta paisagem tão variada, tão natural?!

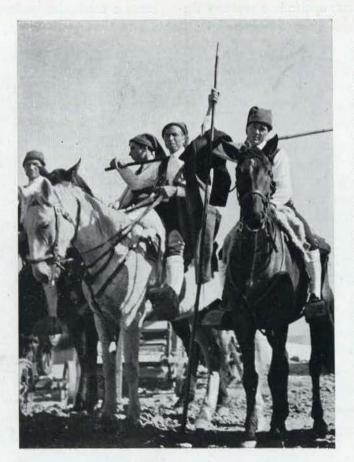
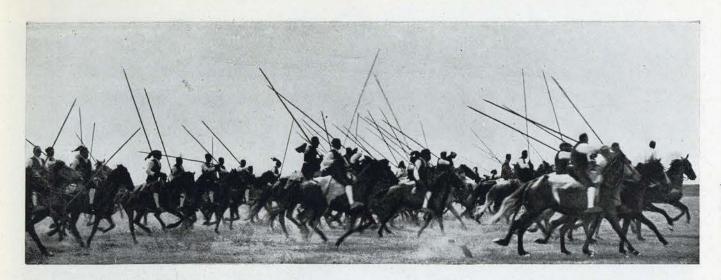
As imagens primaveris que ilustram estas páginas não foram casualmente seleccionadas.

Têm uma finalidade demonstrativa. Ao alto, duas crianças: uma branca e outra de côr; ambas risonhas e certas, como redondilhas populares, rimando. As outras fotografias são de Monserrate. O misto de espanto e de êxtase que essa quinta provoca aos estrangeiros que a visitam, resume-se nestas exclamações do botânico Robert Chodat: — «Há duas horas que vagueamos neste parque encantado. Por pouco êstes perfumes exóticos e estas frondes ligeiras nos iam fazendo esquecer a nossa velha Europa! Fazemos planos de viagens de longo curso: eis-nos já em pensamento nas costas do Brasil ou da Tasmânia!».

Assim é, desde sempre, a nossa natureza, tanto a humana, como a geográfica: — afável, generosa, hospitaleira. E por isso, também, de todos os europeus, é o Português o que menos estrangeiro se sente nos trópicos — onde a nossa gente, a nossa flora e a nossa fauna se estabeleceram e vingaram, como no solo da pátria.

OS CAMPINOS

POR

LUÍS TEIXEIRA

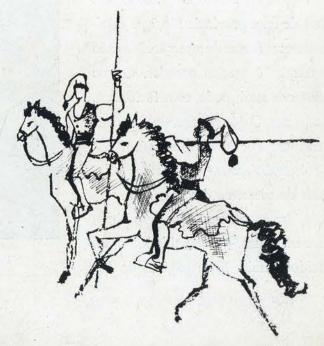
UM dia se fará a reünião em volume isolado dos trechos que na obra dos grandes escritores portugueses definem, em esplendorosa revelação de descritivo e beleza literária, os costumes, tipos e quadros da vida rural e marítima do país. Será indispensável, então, recolher da abundante bibliografia do Ribatejo o pequeno estudo que Marcelino Mesquita escreveu, há mais de trinta anos, na casa da Azenha, junto da Ribeira de Pontével, sôbre essa curiosa figura da lezíria que nasce, vive e morre nos campos da borda-de-água, entre as alucinações do estoiro das manadas velozes e ofegantes e os horizontes vastíssimos, cortados apenas, de lónge em longe, pela graça de cromo dos choupos e salgueirais ribeirinhos.

Depois de falar do toiro, «animal belo, altivo, orgulhoso, nobre, de corpo elegante e flexuoso, harmónico no andar, coleante no galope largo, primoroso de linhas no repoiso, majestoso na posição de *reparar* e *ver*», Marcelino acentua, numa definição: — «Para o alcançar na corrida, para lhe fugir no ataque, para o obrigar nas rebeldias, para o domar sob a canga, para lhe despertar a valentia, para o dominar, enfim, era preciso um outro animal, lesto, ágil, valente como êle, como êle audaz, como êle nobre. As qualidades morais criaram-se no guardador que se fêz *campino;* as qualidades físicas de resistência e de velocidade apareceram na *faca.* E assim nasceu êsse corpo feito de dois corpos, o campino e o cavalo — o Centauro das

lezírias. Não se lhe atribua a elegância do deus grego, filho de deuses, porque se alguma figura evoca — e essa com estranha semelhança — o campino magro, montado no cavalo magro, de pampilho ao alto, atravessando no crepúsculo da tarde a lezíria extensa e mal iluminada, é a de D. Quixote, a passo, sôbre o Rocinante, picando o céu com a lança pela campina extensa e árida da Mancha».

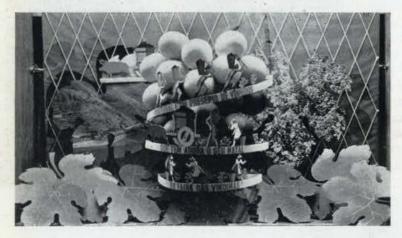
O rio passa em suaves curvas de serpente. Abre-se para enlaçar numa ternura os mouchões dispersos, ou para oferecer ao sol o oiro quente dos finos areais. Sobem as fragatas e as canoas vagarosas. Lá da vasta e monótona planície ou do meio das searas opulentas e sem fim, descortina-se, na distância, a vela vermelha ou branca da saveira. Pelos caminhos a ciganada em bandos cruza com a sombra triste dos malteses. Abala o rancho alegre dos «gaibéus». Deixa no ar da campina um murmúrio doce de cantares felizes que o lento e persistente som dos chocalhos desfaz e domina com a sua teimosa intermitência de onda, noite e dia, neste mar verde das terras alagadiças e férteis.

Comparado a um beduíno do Nilo por Oliveira Martins e a um gaúcho da Pampa por Proença, no *Guia*, o campino, no entanto, com as suas características originalíssimas e enraïzadas, poderosamente, na forte «personalidade geográfica» da região, é uma figura inconfundível no centro desta zona de contrastes. A nostalgia da paisagem não o vence. Alegre, vivo, inquieto, vagueando pela lezíria nos cuidados da manada, entregue aos primeiros trabalhos da «desmama» e das «enchocalhações» do gado, ao desportivismo buliçoso das «ferras» e das «tentas», a sua vida é uma agitação vibrante e permanente ligada à alacridade, ao vigoroso e febril entusiasmo da festa portuguesíssima dos toiros.

Quando Marcelino Mesquita escreveu o seu belo artigo, supunha que o campino seria arrastado pela morte das grandes lavoiras e despoetizado pela marcha da civilização, até se perder na massa vulgar da criadagem, em pleno abastardamento do seu pitoresco, da sua côr e do seu carácter. Puro engano.

O turista que não pode surpreender os campinos nas fainas arriscadas da lezíria em exclusiva convivência com o toiro e o cavalo, vá em Julho a Vila-Franca assistir à festa do *Colête Encarnado*. Encontra-os no desvairamento colorido da «espera», entre nuvens de pó, gritando, junto do tropel da manada que desfila ou depois, nos passos e requebros vertiginosos do *fandango* e do *verde-gaio*, ao som dos harmónios, no gôsto enlevado da sua galhardia de valente que se diverte. O mesmo barrete de lã verde ou azul com orla vermelha, camisa de algodão branco, colête encarnado com botões de vidro, jaleca curta, cinta escarlate, calção justo de bombazina azul fechando abaixo do joelho com fivelas de prata, meias brancas bordadas, sapatos ferrados e de cabedal branco, esporas de fivela, estribos de madeira, os albardões cobertos com peles brancas de carneiro.

Vê-los assim ainda constitui, hoje, no luzimento festivo dos grandes dias de Vila-Franca, o gôsto de contemplar a «obra prima de côr» de que falava o cronista, ao classificá-la de «maravilha de adaptação à vida do campino na lezíria, que é uma espécie de toureio permanente e ao mesmo tempo um drama emocionante em que êle, o toiro, o cavalo, o sol e a água são as personagens primaciais».

ATRAIR NÃO BASTA PASCOA FELIZ **É PRECISO PRENDER**

Campanha do bom gôsto

Ao alto: *Um gracioso cartaz de Tom, para a montra da loja de modas* Ao último figurino. — *Montra do S. P. N., consagrada à faina das vindimas. Arranjo de José Rocha.*

A amenidade do clima, as belezas naturais e os monumentos artísticos de um país ou de uma província são, sem dúvida, poderosas fontes de atracção. Mas não basta atrair: é preciso prender. O que sòmente nos atrai, pode, com facilidade, desiludir-nos. O que nos prende, é porque nos encanta. Por isso o bom gôsto dos povos é, *turìsticamente,* o melhor colaborador do pitoresco das paisagens.

Hoje, documentamos alguns espécimes dêsse bom gôsto. — Publicidade? Não. Merecido prémio. Estas páginas do *Panorama* ficam reservadas, todos os meses, para divulgação, espontânea e desinteressada, das manifestações de bom gôsto ornamental que encontrarmos no País, e que estejam ao alcance da nossa objectiva.

Não o faremos por serem de *arte moderna,* pois o bom gôsto não é moderno nem antigo. A prova estará em que havemos sempre de preferir, por exemplo, um interior *decorado* com móveis e

Outra composição de José Rocha, numa das montras do S. P. N., reclamando a típica Estalagem do Lidador, *em Óbidos.*

objectos antigos, a outro com móveis e objectos modernos — desde que, no primeiro caso, tudo esteja certo (isto é: atraente, amável, civilizado) e, no segundo, tudo errado (ou seja: o contrário do que dissemos).

Por bom gôsto entende-se, portanto, aqui, determinado estilo, determinada graça, determinado toque de originalidade que faz com que a fachada ou a simples janela de uma casa, a montra de uma loja, um cartaz, o recanto de uma sala de espera, a mesa de um restaurante,

Interior do restaurante Tito, *da Rua dos Fanqueiros.*
Arranjo de Maria e Francisco Keil.

etc., nos atraiam discretamente os sentidos e, carinhosamente, os afaguem. A nota justa do confôrto e da simpatia é-nos dada, assim pela conjugação harmónica dos elementos plásticos (volumes e côres), em lógica e estricta obediência aos fins a que se destinam.

As legendas explicam o que as gravuras representam, objectivamente. Mas o que nelas se vê conduz até mais longe a nossa imaginação, ajudando-nos a compreender que o bom gôsto é o contrário do artificial, do pretensioso, do *feito em série* e... do *pires.*

Outros aspectos agradáveis do mesmo restaurante.

Aveiro

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

por José de Almada Negreiros

Ave... ave... Lá está! Lá está a ave ao centro das armas de Aveiro: Uma ave sôbre céu verdadeiro. Fizeram bem em circundar a ave com o céu e os astros. Nada da terra e nada do mar. O ar e a luz, apenas. É de heráldica feliz. A linda e luminosa região de Aveiro, rica de terra e de mar, não pôde deixar de prestar, no seu próprio escudo, a sua melhor homenagem ao ar e à luz. É prova de gratidão perene. Achamos certo e justo. Os chailes das mulheres têm mais de ave do que parecenças com qualquer coisa da terra ou do mar. Mais do que nada, foram, sem dúvida, o ar e a luz que fixaram Aveiro aqui neste largo de terra mesmo ladinho ao mar. O ar parece mesmo daqui de Aveiro, e a luz, essa, entornou-se aqui por cima, fora de tôda as regras de iluminação, esbanjadoramente, milagre do disparate de aprendiz que não estivesse prático em manejar as torneiras da luz. Autêntico milagre do sol não ter espírito de economia. Precisamente: mãos rôtas de luz!

Aveiro não tem fronteiras nem no mar, nem em terras nem no ar. As fronteiras do mundo não passam por aqui. Em tôdas as direcções o horizonte ou o zénite estão no infinito. Não há aqui possibilidade de obstar o além. Tôdas as alturas, incluída a aviação, serão infrutíferas para abrangermos com a atmosfera esta paìsagem de mar e terra, ambos ao mesmo nível e metidos um pelo outro, com promiscuïdade, sem os naturais limites da personalidade.

De modo que a mais extraordinária vista de Portugal não tem varanda para a vermos. Já Oliveira Martins mandou irmos vê-la dos montes de Angeja (9 quil.). Não estamos de acôrdo. É pouco. A única forma de podermos ter uma vaga idéia destas vastidões e de conhecermos as medidas próprias para sonhar devidamente êste panorama, consiste em cruzarmos a região nas várias direcções com o mapa na cabeça. Escusado será dizer que êste mapa não se encontra à venda, coincide com o oficial, mas é pessoal e intransmissível. E isto é tão verdade que estamos aqui no pedaço de Portugal onde há mais bicicletas. Mais bicicletas, sinónimo de plano, de raso. Por conseguinte, lealmente vos digo que o único sítio donde podereis ver com exactidão tôda a maravilha destas paragens de Aveiro está convosco mesmos, deixando subir livremente o sangue à imaginação. De

nenhuma outra forma diferente desta podereis, condignamente, corresponder à natureza.

Algumas das célebres aguarelas de Turner podiam ter por título Aveiro. Turner, sôbre uns centímetros de terra na tela punha-lhe quilómetros cúbicos de ar e nuvens iluminadas com aquela extravagância que a imaginação não supera. Como as côres mal lhe cabiam no fiozinho de terra, vá de estendê-las pelo ar e pelas nuvens com uma prodigalidade para muitos irreconhecível. Pois vinde a Aveiro: as côres que o ar e as nuvens usam aqui são uma homenagem permanente da natureza ao fantasista Turner. O pior é que a homenagem desbota Turner.

*

Há vários milhares de anos caíram aqui as célebres janelas do palácio do Céu. Ficaram intactas as vidraças nos respectivos caixilhos porque as janelas

caíram sôbre a relva verdinha, Hoje são as salinas.

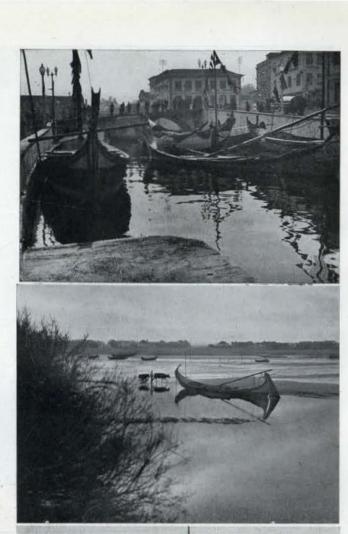
*

Não é impunemente que o rio, aqui em Aveiro, muda de sexo e toma o feminino *ria*. Em Aveiro reina o feminino. O homem anda prò mar e noutros giros de homem e a casa é ao gôsto dela. E se bem que o gôsto dela seja para gôsto dêle, o cuidado é dela. Essa vocação de esperar e de guardar o sítio que têm as mulheres faz o perfil das gerações e das regiões. E aqui é tão evidente que a fisionomia de Aveiro é francamente feminina. Mas ao dizer *mulher* não completaríamos o sentido se não lhe juntássemos *povo*. Não é questão de juntar palavras e pôr *mulher do povo*, não, é outra coisa:

Em tôda a parte acontece haver uma uniformização de tipos, apesar das raças diferentes que lá se cruzaram; e se há, de

facto, um tipo ao qual possamos chamar português, não é tanto com as feições que devemos contar, como com determinada expressão comum que nelas se inclua. Mais surpreendente que noutra parte, Aveiro dá-nos o tipo inconfundível da portuguesa. Ainda que qualificada pela região, lá está aquela determinada expressão comum a uniformizar os vários caracteres fisionómicos. Seja por que fôr, esta gente pronuncia bem o português, e sem denúncia da região, como acontece em tôdas as outras. Paramos a cada passo, não para escutar conversas mas para ouvir as vozes a falar. Para ouvir e para ver. Aquela expressão comum a nós todos lá está, com todo o seu invencível. A uniformização fêz-se. E é a tôda a amplidão desta uniformização que podemos devidamente chamar *povo*.

As mulheres de Aveiro são no seu conjunto (digo exactamente: *no seu conjunto*) o melhor tipo físico da portuguesa. A sua maneira de andar (que já a notou uma Rainha) é impressionante: uma graça antiqüíssima vivida pelos nossos olhos dentro; a sua presença igual à que já tínhamos visto há séculos nas margens do Mediterrâneo; a sua feminilidade a um tempo sadia e delicada, isto é, bem meridional; tudo isto demasiado comum e evidente para que o não notemos. Simplesmente, neste firmamento humano as estrêlas são tôdas da mesma grandeza. De vez em quando uma estrêla cadente risca, instantâneamente, êste firmamento: é uma excepção que se escapa à uniformização. De modo que Aveiro, aqui ao meio de Portugal e o mais longe que se pode estar de qualquer fronteira com o estrangeiro, dá-nos a impressão, à qual não podemos fugir, de ser a nascente natural da semente portuguesa.

Lê-se perfeitamente em Aveiro, à luz prodigiosa dêste céu incrível, a verdadeira noção da palavra *povo*, êsse segrêdo sereno e longínquo, e que tem os vassalos da sua tirania sempre prontos para a ligação dos dias aos anos e aos séculos, quando haja e quando não haja cabeça.

Exposição do Mundo Português

Onde o nosso povo demonstrou o seu poder criador e a sua extraordinária capacidade produtiva

De qualquer ângulo que se evoque a Exposição do Mundo Português, nunca fica diminuída a grandeza do seu edificante significado. Antes pelo contrário: a nossa memória — principalmente quando ajudada pela documentação fotográfica — dá-nos, agora, dessa grandeza, uma medida mais justa, que é, pode dizer-se, proporcional à nossa saüdade. ¡A quantos temos ouvido lamentar a pressa com que a visitaram, as poucas vezes que puderam fazê-lo, ou a falta

de atenção que tantos dos seus pormenores lhes mereceram! Na verdade, seria preciso viver ali, com o corpo e com o espírito, dia e noite, durante longos meses, para que pudéssemos afirmar, sem pecado de exagêro: — «Eu vi, com olhos de ver, tôda a Exposição do Mundo Português». E, mesmo assim...

Foquemos êste aspecto: — as actividades populares nos pavilhões consagrados à Etnografia Continental. Para que todos os portugueses ficassem a fazer uma idéia global da extraordinária capacidade produtiva do nosso povo, nos vários sectores da arte e das indústrias regionais, chamaram-se representantes de tôdas as províncias para uma exibição pública dos seus méritos.

Espectáculo singular e inolvidável! Pasmava e enternecia reconhecer tantos recursos

ignorados; ver revelar-se, conjuntamente, a destreza, a aplicação, a simplicidade e a graça com que os dedos rudes dessa gente modelava, no barro, as bilhas e os bonecos; arredondava uma gamela ou rendilhava uma canga; entretecia um tapete ou uma rêde de pesca; bordava uma camisola ou recortava, no papel, uma flor.

Tipos humanos diversíssimos, cujo complexo exprimia — no olhar sério e profundo, nos gestos calmos e naturais, nos sorrisos abertos e confiados — uma presença una, diferenciada e admirável.

À distância, no tempo, reconhece-se agora, sem grande esfôrço, que essa parada de *valores autênticos* representou, além de consoladora revelação (¡quantos sentiram retemperar-se nela a sua fé nas virtudes nacionais!) um inestimável ensinamento: — o de que a nossa *paìsagem doméstica* pode ser pitoresca, graciosa, confortável, acolhedora e, até, *moderna,* sem a intervenção de especimes exóticos. Logo, podendo ser, é porque deve ser.

Um panorama inesquecível
(FOTO KAHN)

Não se pense que êste traço da fisionomia de uma nação é de somenos importância. Quando um grande poeta francês afirmou que «todos os países que não possuem lenda estão condenados a morrer de frio», não estava longe de imaginar, como factor de enregelamento, o desinterêsse pelos elementos folclóricos, a incompreensão da *utilidade vital* das artes e das indústrias autóctones.

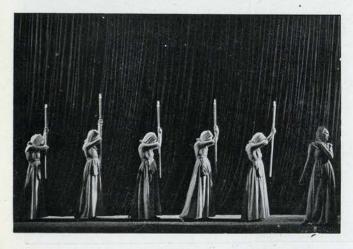
Um estilo plástico (tradicionalmente envoluído) que se manifeste na arquitectura, no traço regional, na decoração dos lares, nos utensílios de trabalho, nos objectos de adôrno — é a demonstração de um carácter nacional inteiro, e uma fôrça de presença indestrutível.

RUY CASANOVA

TRABALHO DO POVO: LIÇÃO DE PROBIDADE

Os Bailados Portugueses

A Lenda das Amendoeiras. — *O Rei Mouro trouxe do Norte uma linda Princesa, que adoeceu gravemente. Os astrólogos descobriram a causa do mal: a nostalgia da neve. Só as amendoeiras em flor poderiam salvá-la...*

Francis e Ruth no bailado Muro do Derrête, *inspirado num costume saloio da Feira das Mercês. — O belo friso das aias chorando a morte de Inês, no bailado* Inês de Castro.

FRANCIS é daqueles artistas que em raras gerações despontam e totalmente se afirmam. Um caso de vocação irreprimível, desde os primeiros passos abandonada aos seus próprios recursos, que não renuncia nem transige. Um caso de heroísmo — talvez não fôsse exagerado chamar-lhe.

A apresentação, no ano passado, do grupo de bailados Verde-Gaio, *pôs diante dos olhos dos seus admiradores êste facto, em vários sentidos consolador: — o Estado foi a tempo de reconhecer e premiar a sua corajosa persistência, facultando-lhe os meios de realizar o seu sonho, de justificar a sua vocação, em plena maturidade dos seus recursos físicos e daquelas virtudes espirituais que são a razão de ser dos artistas da sua índole: poder criador e entusiasmo.*

Foi com essas virtudes que Francis deu expressão coregráfica e carácter certo a quatro motivos literários e musicais de inspiração folclórica, tão diferentes entre si, nesse inesquecível espectáculo de bom gôsto e de são nacionalismo que António Ferro apresentou: — A Lenda das Amendoeiras, Ribatejo, Inês de Castro *e* Muro do Derrête.

Uma nova temporada é-nos, agora, prometida. Além do passa-tempo Danças Portuguesas, *pitoresco friso de temas populares e regionais que um público restricto pôde apreciar, na festa da distribuïção dos prémios literários e artísticos do S. P. N.,* (Dança dos Pastores da Beira, Dança do Douro, O Fado, A Chula, Nazaré *e* Dança de Trás os Montes), *Francis e Ruth — a sua inteligente e graciosa «partenaire» — trabalham activamente, com os outros já apreciáveis elementos do grupo, em mais dois bailados. Um, imaginado pelo artista Paulo, com cenários e figurinos de sua criação, e música de Frederico de Freitas: — a* Dança da Menina Tonta.

É uma pantomima cheia de côr e dinamismo, sugerida por certa tradição popular de Trás os Montes: — Um destrambelhado folguedo, em que os comparsas se divertem, mascarados, com mais loucura do que alegria. As raparigas da aldeia acorrem, contentes, para desfrutar as tropelias dos chocalheiros. *Com elas, vem a* tontinha, *desmazelada e triste, de quem todos troçam. Ela não compreende. Toma parte na folia e nas danças, como um bocado de qualquer coisa que as ondas tempestuosas agitam nas cristas. Mas alguém a vê e se compadece da sua desgraça. Alguém que*

BAILADO «O HOMEM DO CRAVO NA BÔCA». Cenário de Bernardo Marques

BAILADO «A DANÇA DA MENINA TONTA». Cenário de Paulo Ferreira

Figurinos para os próximos bailados: O Homem do Cravo na Bôca *e* A Dança da Menina Tonta

não se deixara arrebatar pela maldosa alucinação dos outros, e que também nada compreende — a não ser que a menina tonta é a mais bonita de tôdas, e deve ter, como as demais, um coração e uma alma...

A coregrafia desenvolve-se numa série de surpreendentes quadros, até que o amor faz luz no espírito da tontinha, e o destrambelhado folguedo se transforma, com regosijo do povo, numa brilhante festa de casamento.

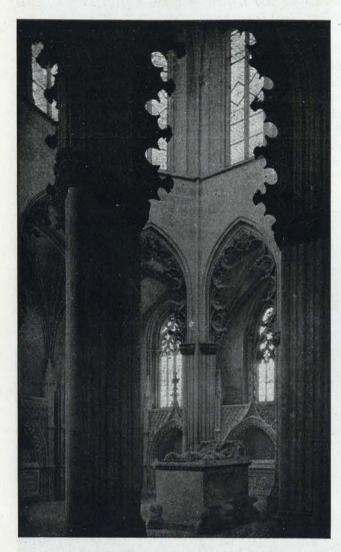
O outro bailado — sôbre argumento de Francisco Lage e música de Armando José Fernandes, com cenários e figurinos de Bernardo Marques — chama-se O Homem do Cravo na Bôca. *Também se filia numa tradição regional, há muitos anos interrompida. É uma festa de aldeia, com romaria e procissão. Na capelinha, ao fundo, a Nossa Senhora do Cravo, apertando na mão a flor do seu nome. O povo do lugar tem de fazer, na véspera, um grande bolo votivo. Na praça pública está o forno para cozer, cujo fogo é animado por um forneiro diabólico. Chegam, de madrugada, grupos de rapazes e raparigas, que transportam a oferenda. Já quási todos os pares foram acertados pelo dedo infalível do destino. Impõe-se, porém, um ritual perigoso: — é preciso que um dos rapazes entre no forno, enfrente as labaredas, deposite no meio delas o bolo e saia — se puder — incólume!*

Francis e Ruth num momento do bailado Ribatejo

Qual dêles será capaz de tamanha proeza? O bailado nos diz, no seu desfecho optimista, que foi aquêle que ainda não tinha par, mas ali mesmo o descobriu, na mais graciosa rapariga da aldeia; e que a presença dela lhe deu ânimo, e o seu olhar o protegeu com miraculosa ternura...

Desenhos de Bernardo Marques e de Paulo

Um Livro para a nossa Estante

PAÏSAGEM E MONUMENTOS *de Portugal*

BATALHA — Mosteiro de Santa Maria da Vitória (Capela do Fundador)

ESTÁ prestes a publicar-se um luxuoso álbum, editado pela Secção de Propaganda e Recepção da Comissão Nacional dos Centenários, com o título de *Païsagem e Monumentos de Portugal*. Esta obra — uma das que ficarão a atestar as múltiplas afirmações de ressurgimento das energias nacionais, que foram as Comemorações Centenárias — destina-se, como se lê no prefácio, a «contribuir para criar e desenvolver, através de imagens, de trechos evocadores e descritivos, culto consciencioso pelo território continental da Pátria e pelos testemunhos arquitectónicos de instituïções e factos que glorificaram a Nação, quer na beleza e valor morais e plásticos, quer nos aspectos geomorfológicos, históricos e artísticos».

São autores do texto literário Carlos Queiroz e o historiador de arte Luís Reis Santos, que desenvolveram, respectivamente, em dois longos artigos, os temas que o título engloba, e àcêrca dos quais, no mesmo prefácio, esclarecem:

«É, sem dúvida, numerosa a bibliografia referente à païsagem do continente português, tanto de escritores nacionais, como de estrangeiros. Porém, o assunto foi quási sempre tratado por forma pictórica, isto é, em descrições, mais ou menos líricas, de panoramas. Raras vezes — e só parcial ou acidentalmente — os escritores encararam a nossa païsagem no ponto de vista dos caracteres próprios, relacionados com a Etnografia, a Arte e a Literatura nacionais. O artigo inicial é, pode dizer-se, a primeira tentativa de um estudo global dêsses caracteres — estudo sintético, como não podia deixar de ser, em virtude da enorme variedade dos aspectos a focar, quási incompatível com a finalidade e os naturais limites da obra. Além disso, o autor teve mais a preocupação de despertar curiosidade para o conhecimento da païsagem portuguesa, do que de classificar e definir, por forma sistemática, traços diferenciadores da plástica e da psicologia das várias regiões».

«Natural e necessàriamente, o segundo artigo é de concepção mais objectiva. Pretendendo divulgar doutrinas estabelecidas por arqueólogos, historiadores e críticos, o autor limitou-se, quási, a descrever e agrupar os principais monumentos existentes no País, desde o período da ocupação romana até aos nossos dias, focando, principalmente, os das épocas, por todos os títulos gloriosas, da consolidação política da Pátria e dos Descobrimentos e Conquistas. Dêsses agrupamentos — por afinidades de estilo e seqüências nos movimentos estéticos — ressaltam, como é lógico, as linhas evolutivas da arquitectura portuguesa e, conseqüentemente, características do génio artístico nacional».

Os autores procuraram informar-se, com a possível exactidão, àcêrca do actual estado fitogeográfico do país (êste danificado, depois, pelo temporal do mês de Fevereiro, mas, felizmente, em muito menor escala do que nos primeiros dias se receou), e dos mais autorizados pontos de vista referentes aos monumentos.

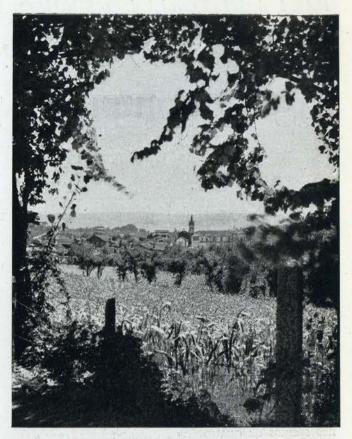
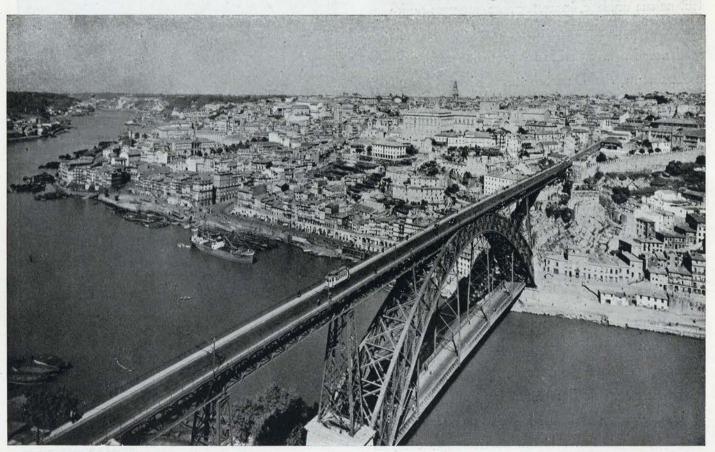
No final do prefácio salientam, de entre os subsídios que

vários organismos oficiais lhes facultaram, os da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aqüícolas e da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a cuja notável obra de reconstrução prestam homenagem.

O valor documental dos artigos é ampliado por duas relações. Uma, dos mais interessantes aspectos païsagísticos, tais como: pontos de vista de altitude; panoramas do litoral, de planície e de vales; matas, quintas, parques e jardins; gargantas e desfiladeiros; cascatas e grutas; aglomerados urbanos e estradas; e outra, dos monumentos nacionais — classificados até Setembro de 1940 — compreendendo os religiosos, civis, militares, etc.

A estas relações seguem-se dois índices bibliográficos, de grande utilidade para quem deseje desenvolver ou aprofundar o estudo das respectivas matérias.

Finalmente, completam a obra 75 magníficas reproduções em «off-set» de fotografias de impecável qualidade artística, em que Mário Novaes fixou lindíssimos panoramas e preciosos espécimes monumentais de tôdas as províncias do Continente.

Bernardo Marques compôs uma cercadura e uma graciosa vinheta para a capa dêste álbum, que está a ser impresso na Litografia Nacional do Pôrto, e cuja composição gráfica — dirigida por Luís Reis Santos — marcará, decerto, como das mais equilibradas que nos últimos anos saíram dos prelos portugueses.

Paisagem minhota — Famalicão

O Pôrto e o Rio Douro, *vistos de Vila-Nova-de-Gaia*

EXPOSIÇÃO DE OS PRIMITIVOS PORTUGUESES

por Luís Reis Santos

A grande exposição de pintura dos séculos XV e XVI que a Comissão Nacional dos Centenários promoveu no segundo semestre do ano passado, no edifício novo do Museu das Janelas Verdes, com o intuito de contribuir, no sector da estética, para a formação da consciência nacional, não só representou o primeiro grande passo decisivo para se iniciar, com processos objectivos e seguros, o estudo dos núcleos pictóricos e das características individuais dos pintores que trabalharam em Portugal nos séculos de quatrocentos e quinhentos, como revelou, na sua unidade impressionante, aspectos muito representativos da alma nacional, do espírito e da fé religiosa, das tendências artísticas e do gôsto da Nação, na época deslumbrante dos Descobrimentos e das Conquistas.

Se por um lado, com o confronto das obras próximas, a exposição a que chamaram de *Os Primitivos Portugueses* tornou mais evidentes os problemas de identificação, fundamentais para alicerçar em bases sólidas as atribuïções, determinando com rigor os quadros insofismàvelmente portugueses e os que, apesar das origens estrangeiras, foram, de certo modo, sujeitos a influências pelas correntes formadas e desenvolvidas no País, por outro — e êsse é o resultado magnífico já seguramente obtido — deu-nos o espectáculo da revelação de uma escola de pintura àparte, com aspectos morais e materiais bem distintos dos que já se conheciam nas outras escolas da Europa renascentista.

VASCO FERNANDES — Criação dos Animais (1506-1511)
Museu Regional de Lamego

Uma corrente espiritual impulsionou, sem dúvida, êsse movimento bem evidente nas trezentas e tantas

Museu das Janelas Verdes. Lisboa

FREI CARLOS — Aparição de Cristo à Virgem (1529)

tábuas agrupadas pela primeira vez, e noutros tantos painéis ainda existentes e dispersos em museus, conventos, misericórdias, igrejas e colecções particulares, conferindo feição muito distinta e nacional a êste género de actividade estética, como dera à nossa arquitectura românica, embora de origem auvernhêsa e cisterciense, e havia de dar, mais tarde, à escultura portuguesa dos séculos XVII e XVIII, de ascendência italiana, e de expressão mística e barroca.

«Há, é certo, em todos os povos da História Universal — como disse Hegel — poesia, artes plásticas, ciência e até filosofia; o que difere, não é apenas o estilo e a tendência, mas, principalmente, o fundo, êste fundo relativo à diferença suprema, à da razão.»

E foi a verificação dêsse fundo moral que explica, em grande parte, a nossa posição espiritual e estética perante a Renascença, o mais proveitoso resultado — em meu entender — da recente e admirável exposição de arte portuguesa antiga, entre tôdas as que foram até hoje organizadas, a de mais fecundos benefícios para a cultura nacional.

Mas se, na generalidade, obtivemos a convicção da existência da nossa escola de pintura quatrocentista e quinhentista, falta firmar os alicerces que hão-de

consolidar, definitivamente, o edifício da tese nacionalista.

São incontestáveis tôdas as identificações mencionadas nas tabelas dos quadros? Quem eram os muitos artistas desconhecidos que pintaram a maior parte dos painéis expostos? Nacionais? Nacionalizados pelo nosso ambiente social, pelo temperamento do nosso povo e pelo clima da nossa paìsagem? Educados entre nós ou no Estrangeiro? E em que oficinas? Com que mestres?

Devemos confessar, em boa verdade, que, a par das certezas que justificam e lisonjeiam o patriotismo português, grande parte dos problemas suscitados pela actividade dos pintores estabelecidos em Portugal, nos séculos XV e XVI, está ainda por resolver.

Mestre do Sardoal — O Anjo, da «Anunciação»
(1.º quartel do século XVI)

Misericórdia da Lourinhã

Mestre da Lourinhã — S. João Evangelista (Pormenor)
(1.º quartel do século XVI)

Igreja Matriz. Sardoal

Considerada indispensável, como foi, para a revisão de um sector fundamental da nossa história, devem esperar-se, num futuro próximo, estudos técnicos complementares da magnificiente exposição de *Os Primitivos Portugueses*. Foi decerto a compreensão dêste facto que levou o Estado a fundar o laboratório anexo ao edifício central dos Museus Nacionais de Arte Antiga. E tudo isto explica o silêncio dos especialistas perante as dúvidas históricas postas já de longa data, mas agora, mais do que nunca, delicadas e ponderosas.

Merecem louvor e reconhecimento a medida governamental que tornou possível a exposição de *Os Primitivos Portugueses*, e os bons esforços da Comissão Organizadora para atingir tão elevados objectivos.

Muito importantes foram já os estudos que permitiram definir personalidades artísticas e agrupamentos até há pouco desconhecidos ou mal classificados, tais como: dos ciclos de Nuno Gonçalves e do suposto Mestre Hilário; dos Mestres da Charola de Tomar e de

Pormenor de um painel do políptico de Nuno Gonçalves (Século XV).

(FOTO MÁRIO NOVAI

1515 (Madre de Deus); da Sé do Funchal e da Misericórdia da Lourinhã; do Sardoal, de Celas e de Montemor-o-Velho (Monogramista M. N.); de S. Francisco de Évora; dos núcleos oficinais da igreja de Jesus de Setúbal e das séries de Santiago e de S. Bento; de Frei Carlos; de Vasco Fernandes, seus parceiros e continuadores, presumível Gaspar Vaz, António Vaz, etc.; de Gregório Lopes, Cristóvão de Figueiredo, Garcia Fernandes, etc., etc.

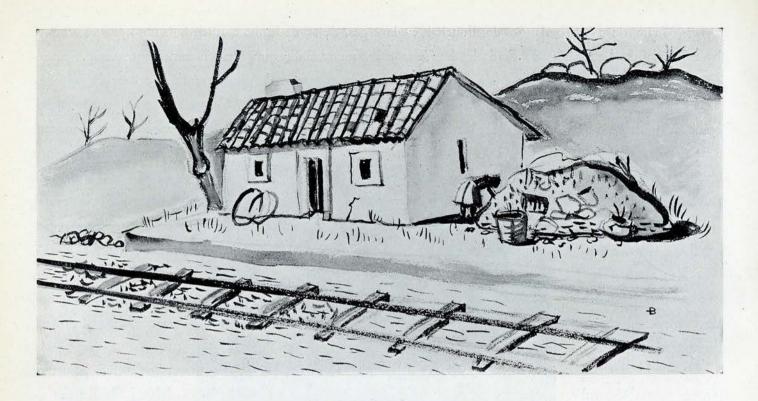
Os problemas da pintura em Portugal nos séculos XV e XVI são muitos e complexos: as colaborações de parceria e nas oficinas; a escassez das obras assinadas ou datadas e dos documentos elucidativos; enfim, a falta quási absoluta dos depoïmentos de escritores coevos, dificultam as identificações e a destrinça, numa encomenda, num retábulo, até mesmo num painel, do que pertence a êste ou àquêle artista. Portugal não teve nem um Vasari nem um Van Mander, obras como as de Burckhardt, de Crowe e Cavalcaselle.

Apesar disso, lendo agora, a pensar no nosso caso, o prefácio de James Weale ao catálogo da Exposição dos Primitivos Flamengos que se realizou em Bruges, de 15 de Junho a 15 de Setembro de 1902, e teve para a Flandres importância semelhante à que a patriótica exposição de pintura antiga promovida pela Comissão Nacional dos Centenários teve para Portugal, não podemos deixar de sorrir pelas idéias, conhecimentos e classificações que então se divulgavam àcêrca daquela escola de pintura setentrional.

PRESUMÍVEL GASPAR VAZ. — A Virgem, o Menino e anjos músicos (2.º quartel do século XVI)

Igreja de S. João de Tarouca

Só mais tarde, como não podia deixar de ser, em 1903, e como resultado dêsse importantíssimo certame, apareceu o livro basilar de Max J. Friedländer — *Meisterwerke der Niederländischen Malerei des XV u. XVI Jahrhunderts* — que ainda hoje é, para os estudiosos, obra de fundo, indispensável.

Esperemos, pois que, à luz de novos métodos científicos, a exposição de *Os Primitivos Portugueses*, ponto de partida para a conquista de uma verdade histórica e o seu necessário complemento, os trabalhos técnicos empreendidos com o valioso auxílio do laboratório anexo aos Museus Nacionais de Arte Antiga, ajudem a escrever, com insofismável certeza, sòlidamente fundamentada, a página brilhante da evolução da pintura portuguesa, na época mais gloriosa da nossa história.

Fábulas e Parábolas de Turismo

O Apeadeiro Lamentável e Lamentoso e o seu Chefe António Aniceto

ERA uma vez um apeadeiro muito feio, muito sujo, muito desconsolado, à beira de uma linha de caminho de ferro. Uma porta, dois janelos, um telhado a cair de velho, e à ilharga uma espécie de montureira com duas latas rebentadas de gasolina, dois arcos de pipa todos tortos, e um vaso de noite rachado, onde respigavam ortigas. Em tôrno, a desolação de campos negros — relvedo teles e cardal. Terra triste, sem longes para passear os olhos. Enfim, um apeadeiro lamentável!

O chefe, que tinha morrido três dias antes de acontecer isto que vou contar, era coxo, viúvo, e os maquinistas e os revisores dos combóios «trâmueis» que por ali passavam, haviam-lhe pôsto a alcunha do «Lesma». Por isso, já Vocemecês podem calcular em que estado estava aquêle apeadeiro. Lamentável, claro... Lamentável, como tantos outros que têm chefes «Lesmas».

Ora, morto o homenzinho, outro logo, a Companhia dos Caminhos de Ferro, mandou para o seu lugar — o Sor António Aniceto, êste casado com a Sora Felismina, sua graça, mulher escarolada, amiga de trazer em palminhas casa e homem.

Quando o novo chefe e a cara metade chegaram, ali, àquêle apeadeiro lamentável, Vocemecês nem calculam o que foi aquilo nos primeiros dias. Sora Felismina era um mar de lágrimas. Passava o tempo todo a chorar e a trabalhar que nem moira. O antro estava cheio de trapos, de lixo e de bichos. Nem pocilga de cevados, com sua licença, tinha tanta porcaria. Foi preciso lavar tudo e caiar tudo, de alto a baixo. Uma estafadela de estucha, que nem de alma ruim nas profundas dos infernos! Sor António Aniceto («que mal fizera», punha-se êle a pensar, êle, que fôra sempre bom empregado da Companhia!) considerava-se num destêrro; mais: num degrêdo. E só não acompanhava a carpideira da mulher, porque era homem, e os homens, como é sabido, não choram. Mas ia rebentando — isso ia — à beira dela, a pôr tudo aquilo no são e no direito.

Ora justamente no terceiro dia, ou terceira noite, — mais bem se diga — daquela agrura, estava Sor António Aniceto estendido na enxêrga ao lado da Sora Felismina, quási a pregar ôlho, quando ouviu, no silêncio e na sombra daquêle deserto uma voz, lá de fora e de muito cêrca, a chamar por êle:

— Ó Tónio Aniceto! Ó Tónio Aniceto!

Homem foito, alevantou-se, enfiou calças, e veio à beira da linha:

— Que é? Quem anda por aí?

Moita! Vivalma! À roda, a noite muda e negra afogava tudo.

— Ó Tónio Aniceto! sussurrou-lhe a dois passos a mesma voz.

Voltou-se, quando a voz continuava:

— ... sou eu, o apeadeiro...

E era. Vinha, afinal, dos muros caiados de fresco, única nota branca naquela negrura, a fala que ouvia:

— ... sou eu, para te agradecer o que já tens feito por mim. E também queria pedir-te, visto andares com a mão na massa, que não me abandones agora. Continua, António Aniceto, continua. Porque não calculas o que tenho sofrido neste abandono. Até agora, os passageiros que passavam nos combóios, nem para mim olhavam. E os que desciam — poucos — logo abalavam e fugiam de mim como se estivesse gafado...

Assim, o lamentável apeadeiro se lamentava. E, lamentoso, prosseguia:

— Vocês, tu e a tua mulher, têm sido muito bons para mim,

e até para vocês, que passam agora a viver aqui. Mas vejam se ainda podem ser melhores. Com um bocadinho mais de trabalho, põem-me num brinquinho. Agarrem nuns adôbes e façam-me uns canteirinhos à roda. Ponham lá, depois umas floritas — uns goivos, umas cinerárias, umas insignificantes maravilhas e margaridas... Se vocês soubessem o que eu gosto de flores! Nas tuas horas vagas, que as tens, e muitas, António Aniceto, carpinteira uns caixotins para debruar as duas janelas, e mete-lhes dentro uns vasitos com sardinheiras. As sardinheiras medram com qualquer tempo, António Aniceto, e são a alegria das casas pobres...

O apeadeiro tinha razão, pensou o chefe. E como lhe estava a ganhar amor — já o sentia e já mesmo lho tinha afirmado por seus cuidados — sorriu-se àquelas palavras e respondeu-lhe:

— Está descansado! E não digas mais! Que eu só te não farei o que não puder. Meteste-me um susto, malandro, quando chamaste por mim!... Até julguei que era a alma penada do «Lesma», aos urros, aí por êsses baldios. Está descansado! Vais ficar mais bonito do que a estação do Rossio, em Lisboa... Vais ver.

Na sombra, muito branco, o apeadeiro lamentável e lamentoso, principiava a sorrir, confiado. E o Aniceto, pouco depois, dormia como um justo.

Se bem o tinha prometido, melhor o fêz. Meses passados, já ninguém reconhecia, naquele miminho de casa, o tôrvo antro do «Lesma». Parecia até que se dera um milagre.

Chefe e mulher haviam metido mãos à obra com afinco e prazer. Consoante o pedido feito naquela noite pelo apeadeiro lamentoso, haviam-no debruado com bonitos canteiros de tijolo-burro, muito vermelhinho. Ali cresciam, como tocadas pela graça de Deus, as mais lindas maravilhas e margaridas que jamais viram jardins da nossa terra. Nos janelos, ao rés do peitoril, lá fulguravam os frisos das sardinheiras requeridas. Mas outras coisas mais tinham surgido, no meio daquele prodígio. Onde estava dantes a montureira com seu respectivo ortigal, verdejava agora uma horta, muito bem arranjada e circundada por uma gradaria de canas em cruz.

Pelos muros da frente (num dos quais havia sempre uma gaiola amarela com um canário mais amarelo ainda, lá dentro) formigavam as gavinhas tentaculares de uma videira brava. De cada lado, em duas latadas, alargavam-se e entornavam-se: numa delas, uma baunilheira, e na outra, florida também, uma grande madre-silva, ambas rescendendo no ar macio. E — portento maior! — mais ao largo, como um abraço vegetal que envolvia o apeadeiro, dantes lamentável e lamentoso, um renque de acácias mimosas, mandadas para ali pelo doutor da Quinta Nova, prometia os seus fartos cachos de bagas de ouro para o próximo Entrudo.

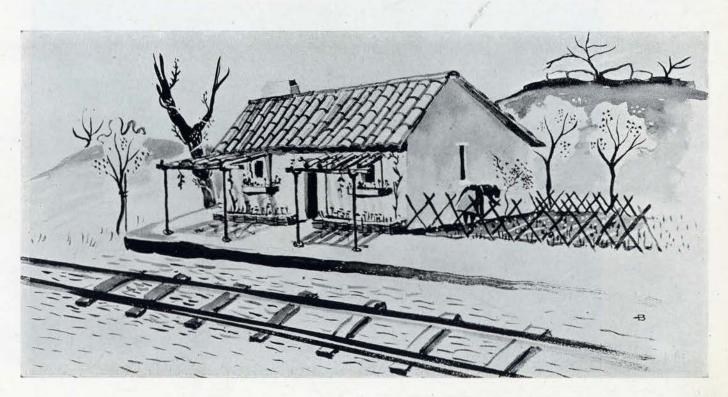
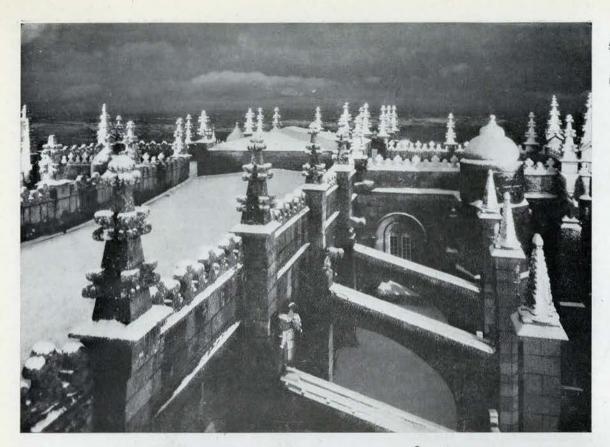
Aquilo estava tão bonito, tão bonito, que não havia passageiro de «trâmueis», ali parado por minutos, que não regalasse a vista em seus encantos. E era vê-los, às janelas da *terceira* e da *segunda*, a comprar os cigarros e os fósforos, as frutas e as bilhas de água — água deliciosa de uma fonte vizinha — que a Sôra Felismina apregoava e trazia a tiracolo num açafate, vestida com um saio vermelho e uma blusa mais branca do que os muros sempre brancos do apeadeiro.

António Aniceto, que engordara e andava, muito ufano, a dizer adeus aos maquinistas e aos fogueiros debruçados lá adiante na máquina; a palrar com os revisores e os condutores nos minutos do paro, ou a apertar, solícito, a mão dos passageiros que ficavam para buscar a vila ou quintas das cercanias, todo êle impava de gáudio pela esplanadazinha da «sua estação», muito brunida e bem ensaibrada.

Ganhara as admirações dos colegas, chefes de outros apeadeiros lamentáveis, que já principiavam a imitá-lo. O Sr. Engenheiro Inspector de Via e Obras, numa tarde, apeara-se, para lhe dar os parabéns e um abraço pela sua faina, e prometera-lhe — e mandara-lhe — uma carga de telha portuguesa para o telhado, única e última coisa que ainda lhe faltava para aquilo ser o que era: um Paraíso! A Administração da Companhia já lhe forneceu também um louvor, um grande *espiche* em ordem de serviço.

E, no mês de Julho, está-me cá a parecer que vai abichar o primeiro prémio do «Concurso das Estações Floridas», organizado pelo Secretariado da Propaganda Nacional.

E acabou-se a história. Que só teve em vista, como já calcularam, mostrar que há por aí, por êsse país fora, porção de apeadeiros a quem podia suceder o que sucedeu a êste, se os seus chefes quisessem fazer o que fêz o Sôr António Aniceto.

AUGUSTO PINTO

SÉ DA GUARDA
1.º Prémio
(Foto Herminios)

«A NEVE NO PAÍS DO SOL»

O programa radiofónico «Conheça a sua terra», elaborado pelos Serviços de Turismo do S. P. N. e que a Emissora Nacional transmite às sextas-feiras à noite, promoveu, há meses, um concurso fotográfico de aspectos da paisagem continental cobertos de neve. Nesta página vêem-se as duas imagens que obtiveram, respectivamente, o primeiro e o segundo prémio. As fotografias seleccionadas serão, em breve, publicadas num álbum que terá por título: *A Neve no País do Sol.*

O HOTEL DAS PENHAS DA SAÚDE, NA SERRA DA ESTRÊLA
2.º Prémio
(Foto António Lopes)

Depois de voar à toa,
Como andorinha assustada,
Chegou o Anjo da Guarda
Dos turistas, a Lisboa.

E ao vê-la, disse: — Vitória!
Neste país colorido
Encontrei a paz e a glória
Do Paraíso Perdido!

ANGOLA

Legenda da Païsagem Africana

Um escultor negro. Lunda

O mangal vem findar nas orilhas do Atlântico, perto da bôca do Zaire, o grande rio que espuma as sagradas pedras de Ielala, — padrão glorioso da descoberta das lendárias terras do Congo.

Ali, em 1482, assinalou-se a descoberta esculpindo-se nas pedras de Ielala a legenda do Zaire, e dali partiu o lusíada para a conquista dos sertões africanos.

Para além do Zaire, nas terras do Enclave, ergue-se, — montanha verde com os cumes perdidos no azul do céu ardente — o Maiombe, a maior floresta de Angola e a sua mais bela e forte païsagem.

A floresta deitou raízes para lá do Congo, em chão vermelho, terra a sangrar do parto do matagal, e avançou, feita selva, até ao Enclave, onde Cabinda branqueja à beira da baía.

Mais abaixo, o Zaire, o rio Congo dos marinheiros

de Diogo Cão, seu descobridor, entra no Atlântico, aparta o mar para abrir caminho às suas águas em debandada, e lá vai, estrada de águas barrentas no pampa atlântico, até se perder, rio feito mar, para além da rota da navegação.

Aqui começa, — a floresta a esbater-se nas distâncias e o Zaire, o rio dos padrões, a correr para se afundar longe da terra que dominou em sua cavalgada alucinante, — a desbobinar-se a paìsagem angolana.

Se a estrada do Zaire para além da sua foz, — rio de sangue da selva vencida pelos temporais que ás suas águas revôltas oferece a carne sangrenta das florestas e a terra vermelha que as alimenta, — fôsse um espelho e nêle nos pudéssemos debruçar, a terra angolana, do Cassai ao Congo, mostrar-se-ia em tôda a sua beleza. Beleza forte e estranha, a desdobrar-se desde o chão ardente da *anhara*, o pampa do Moxico e da dramática terra lunda, onde o antílope corre em plena liberdade e o homem se amedronta perante a terra nua e sem fim, até à floresta que não deixa ver palmo de solo, subindo e descendo pelo dorso das montanhas sem que um raio de sol penetre no seu seio, abafando o grito das feras e os rumores dos rios caudalosos que se espraiam em lagos para logo se precipitarem por caminhos escalvados, atroando os céus com seus berros nas cascatas, de novo rios em demanda de chão côncavo para descansar em lagoas, onde se avolumam antes da terra voltar a estreitá-los num abraço de que se libertam numa fuga em golpe sôbre o Zaire, — tôda essa paìsagem nos revela um mundo portentoso.

*
* *

Viajar pelo país dos angolas, correr os caminhos por onde passam o Zaire e seus tributários, desde o alto do Munhango ao Congo, passando pelo Moxico, o país do amor livre, e através do mundo de quiocos e lundas, lá no chão do Muatiânvua, o rei dos reis lundas, — é entrar no coração da África Negra e senti-lo palpitar nas lendas e nos mistérios que envolvem em sudários de terror êsses povos que outrora deixaram a Ásia e se espalharam pela África, onde criaram uma civilização que séculos depois se foi entroncar com as civilizações de europeus e índios no Novo Mundo.

Ali, a natureza não foi trabalhada, — só se mutilou a floresta para abrir a clareira onde se erguem os burgos do homem branco, do colono,— não se amenizou a paìsagem, não se construíram mirantes para o turista se debruçar. Tôda a paìsagem é primitiva e bárbara, seja montanha ou terra nua, mas cheia de beleza forte, impressionante, que ora nos dá uma sensação de deslumbramento, ora nos amesquinha com sua imponente grandeza. É uma paìsagem sem fim onde os olhos se não podem deter, chocados a cada passo por múltiplas perspectivas.

E dentro dessa natureza prodigiosa, surge o homem negro, diferente de tribo em tribo, sempre estranho, agarrado à terra que a tôda a hora pisa nos fadários dos batuques e aos feitiços que velam por sua vida sombria.

Quedas de água do rio Chiumbe, no Dala, Lunda

O negro é o escravo e o rei da selva. Reina sôbre a terra quando o sol a inunda, e é escravo quando a noite se estende, negra e funda, sôbre a selva, acordando a fera que o calor obrigou a acoitar nos matagais e erguendo na imaginação do silvícola os fantasmas que povoam o mundo da sua superstição.

A vida do bárbaro, em plena selva, é primitiva. Êle escuta, o ouvido colado à terra, os rumores da selva, a marcha das feras e dos homens, e ouve, pávido, os olhos em fogo, as vozes das gentes sofredoras e de batuques infernais nas profundezas dos lagos lendários, onde a tradição lhe diz que vivem povos amaldiçoados pelos deuses.

À luz ardente do sol, abre a golpes de catana os caminhos da floresta para se abeirar dos rios e das terras de caça; a machado e fogo derruba a mata para construir a senzala e plantar a lavra; bate o ferro que arranca às entranhas da terra para fazer a lança; esculpe os fetiches e amassa o barro para moldar os *mahambas*, os seus santos; — e canta na roda do batuque, as fogueiras à volta da eira e a correrem sua cortina auripurpúrea, na bôca dos caminhos, o destino dos povos e a história do soba de tempos remotos, valente e bárbaro, que ganhou a guerra.

Penetrar na selva, contemplar a natureza, olhos abertos em assombro perante cenários de maravilha, e seguir os passos do negro em seu destino miserando — é viver uma vida sem igual no mundo, plena de atractivos, onde o homem, entregue a si mesmo, se abisma na barbárie ou se diviniza.

*
* *

Costas voltadas à selva e longe dos burgos sertanejos, encontra-se a Angola lusitanizada, onde o colono ergueu cidades e vilas, abriu caminhos que fêz serpentear sertão em fora, — 40.000 quilómetros de estradas de rodagem, — e lançou o rail do deserto à montanha, da costa às terras fronteiriças, em lonjuras que-montam a 2.379 quilómetros.

Da bôca do Zaire à Baía-dos-Tigres, baloiçam-se os barcos em mar calmo, a costa à vista, baixa e nua até às imediações de Luanda, para se altear, terras planálticas que avançam achegando-se à beira-mar onde se mostram cortadas abruptamente, voltando a descer ao sul para se rasar em areal na foz do Cunene.

Da costa saem os caminhos de ferro de Luanda, Amboim, Benguela e Mossâmedes. Largam dos portos do mar para as grandes jornadas através de regiões que a cada volta do caminho oferecem ao viajante paìsagens diferentes, como se tôda a natureza angolana fôsse um filme a desenrolar-se aos olhos do turista descuidado que se emoldura na janela da carruagem que o leva ao alto da serra da Chela, miradoiro a 2.300 metros, às terras amenas do planalto de Benguela, de onde segue para além Cuanza, ao Moxico e às planuras do Luau; ao Amboim, desde o seu pôrto, em Benguela-Velha, até o interior da mais rica região de Angola, onde se destaca, em longuras sôbre longuras, a paìsagem verde e vermelha dos cafeeiros.

A carreteira e o rail abriram caminho na savana de capim e treparam pela montanha, penetrando na selva e conquistando-a.

As feras fugiram para o dédalo das florestas, apavoradas com o apito das locomotivas a magoar-lhes os ouvidos, as luzes dos faróis a castigar-lhes os olhos em brasa, e nos céus o barulho dos aviões a sacudí-las de terror.

E o homem negro abeirou-se dos novos caminhos e ergueu suas aldeias junto às cidades e vilas que o português foi edificando do litoral às fronteiras.

Subir ao alto das montanhas; atravessar as florestas; singrar em pequenos barcos por rios caudalosos; calcurrear as estepes onde se alteiam as labaredas das queimadas dos negros para as suas caçadas, ou deixar correr os automóveis pelas abas do deserto do Calahari, às portas de Mossâmedes, atrás de manadas de antílopes e de zebras que se apanham a laço, — é conhecer a paìsagem de Angola, uma das mais belas regiões da África Negra.

CASTRO SOROMENHO

Mulheres de Quilengues e Quipungo

TURISMO
BOLETIM MENSAL DE TURISMO
EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

Não devemos, sem dúvida, ignorar que as nossas romarias e feiras são numerosas e características; que possuímos museus e monumentos admiráveis; que têm extraordinário valor ornamental e são dignos de melhor aproveitamento os produtos da arte popular e das indústrias regionais; que abundam, de norte a sul, pitorescos trechos de paìsagem, de todos os géneros e para todos os gostos; que podem e devem praticar-se, entre nós, desportos bem mais salutares do que o *foot-ball*; que as nossas praias e termas são das mais belas, variadas, e amenas da Europa; que existe uma culinária portuguesa cuja secular tradição deve manter-se; que temos hotéis, pensões, pousadas e restaurantes típicos e económicos; que já se efectuam com freqüência excursões às terras da província, a preços convidativos, tanto em combóios como em camionetas confortáveis; que há carreiras permanentes dêstes transportes para quási tôdas as povoações dos arredores das cidades; que já muitos melhoramentos públicos se devem às Comissões e Juntas de Turismo, e que, finalmente, o Secretariado da Propaganda Nacional, procura pelos meios de que dispõe, contribuir eficazmente, para que esta indústria venha a ser uma das mais importantes e produtivas fontes de riqueza da nossa terra.

Não devemos ignorar tudo isto, pois tudo isto representa a razão de ser do Turismo e o porquê da sua integração no âmbito directivo do Estado. Mas interessa também — e por isso mesmo — saber *onde*, *como* e *quando* podemos apreciar êsses encantos da paìsagem e da arte nacionais; adquirir êsses curiosos espécimes da produção popular; tomar parte nesses prazeres do corpo e do espírito; tirar o melhor partido dessas realizações e dêsses melhoramentos.

Eis o objectivo que nos propomos atingir com a publicação dêste boletim, e que consiste, numa palavra, em esclarecer os leitores, sistemàticamente, sôbre todos os assuntos relacionados com o Turismo em Portugal.

Importa no entanto, salientar que a eficiência da iniciativa depende, em grande parte, do interêsse que ela merecer aos organismos oficiais e às emprêsas particulares que actuem, especial ou acidentalmente, na esfera de acção turística — aos quais solicitamos o regular envio de esclarecimentos, de dados informativos e de sugestões praticáveis.

ALGUMAS FESTAS E ROMARIAS NO MÊS DE JUNHO

LOCALIDADES	*DIAS*		*ESTAÇÕES DE CAM. DE FERRO*
PENAFIEL	12	Festas tradicionais do Corpo de Deus (Festas da cidade).	*PENAFIEL*
PENAFIEL	15	Romaria de Santo António, em S. Vicente-do-Pinheiro.	Camionetes a partir da Rua Rodrigues Sampaio, 159, Pôrto. Telef. 6954.
PENAFIEL	19	Romaria de S. Pedro, em Abragão.	
CASTELO-DE-VIDE	13 e 29	Festas tradicionais.	*CASTELO-DE-VIDE*
ALMEIRIM	13	Festa de Santo António, na freguesia da Raposa.	Camionetes a partir da Rua da Palma, 273, Lisboa. Telef. 21363.
CASTANHEIRA-DE-PERA	13	Romaria de Santo António da Neve, ao alto da Serra da Louzã, freguesia do Coentral.	*POMBAL (a)* Camionetes para Castanheira-de-Pera a partir da Rua da Palma, 273, Lisboa. Telef. 21363.
BRAGA	23 e 24	Festas tradicionais de S. João.	*BRAGA* Camionetes a partir da Garagem «O Comércio do Pôrto», Rua do Almada, Pôrto. Telef. 15898.
PÔRTO	23 e 24	Festas tradicionais de S. João, nas Fontainhas.	*S. BENTO-PÔRTO* Camionetes a partir da R. Martim Moniz, 51 (à Guia), Lisboa. Telef. 21003.
FIGUEIRA-DA-FOZ	24	Festa de S. João.	*FIGUEIRA-DA-FOZ*
VILA-DO-CONDE	24	Festa tradicional, com procissão de S. João.	*VILA-DO-CONDE (b)* Camionetes a partir da Garagem de «O Comércio do Pôrto», Rua do Almada, Pôrto. Telef. 15898.
MATOZINHOS	29	Romaria do Senhor de Matozinhos, que dura três dias e é a mais importante do Norte do País, com feira franca, durante um mês. Grandiosas iluminações e fogo de artifício.	*S. BENTO-PÔRTO (c)* Camionetes a partir da R. Martim Moniz, 51 (à Guia), Lisboa. Telef. 21003.

OBSERVAÇÕES. — *(a)* Há carreiras de camionetes de Pombal para Castanheira-de-Pera. Distância: 62 quilómetros. *(b) Uma vez no Pôrto,* toma-se na estação da Trindade o combóio para Vila-do-Conde. *(c)* Há carreiras de carros eléctricos de S. Bento para Matozinhos.

PALACIOS NACIONAIS E CASTELOS EM LISBOA E ARREDORES

Nomes	Endereços	Telefones	Preços de entrada	Grátis	Aberto	Fechado	Conservadores	Observações
AJUDA (Palácio Nac. da)	Calçada da Ajuda	81.058	—	—	—	Domingo	Dr. Manuel Carlos de Almeida Zagalo	Só pode ser visitado com autorização especial do Director Geral da Fazenda Pública (Ministério das Finanças)
MAFRA (Palácio Nac. de)	Mafra	—	1$50	—	Todos os dias	—	Dr. Carlos Manuel da Silva Lopes	—
QUELUZ (Palácio Nac. de)	Queluz	Queluz 39	2$00	—	Todos os dias	—	Ventura Porfírio	—
SINTRA (Palácio Nac. de)	Sintra	Sintra 85	1$50	—	Todos os dias	—	Jorge da Cruz Reis	—
ALMOUROL (Castelo de)	Constância (Almourol)	—	—	—	—	—	—	Camioneta saindo de Lisboa às 8 horas, com chegada a Constância às 14,50. Prêço de ida e volta: 44$50
ÓBIDOS	Óbidos	—	—	—	—	—	—	A cidade de Óbidos fica a 6 k. das Caldas-da-Rainha, por estrada. Estação do Caminho de Ferro: Óbidos, na Linha de Oeste (C. P.).
PALMELA (Castelo de)	Palmela	—	—	—	—	—	—	A 6 k.ms de Setúbal. Estação do Caminho de Ferro de Palmela (Sul e Sueste).
PENA (Castelo da) ...	Sintra	Sintra 227	1$50	—	Todos os dias	—	Dr. Casimiro Gomes da Silva	—
SÉ (Igreja da)	Largo da Sé (Lisboa)	—	—	—	—	—	—	—
S. JORGE (Castelo de)	Lisboa	—	—	—	—	—	—	—
TÔRRE DE BELÉM...	Belém (Lisboa)	—	—	—	—	—	—	—

JUNTAS DE TURISMO

JUNTAS	ENDEREÇOS
AGUAS S. VICENTE	RUA GUERRA JUNQUEIRO, 195, MATOZINHOS — PÔRTO
ARMAÇAO DE PERA	SILVES
CALDAS DE AREGOS	CALDAS-DE-AREGOS
CALDAS DE FELGUEIRAS	CALDAS DA FELGUEIRA—NELAS
CALDAS DE MOLEDO	CALDAS DE MOLEDO
CALDAS DAS TAIPAS	CALDAS DAS TAIPAS
CALDELAS	RUA GONÇALO CRISTOVAO, 297 — PÔRTO
CARAMULO	TONDELA — PAREDES-DE-GUARDÃO
CASCAIS	MONTE-ESTORIL
CURIA	CURIA
ENTRE-OS-RIOS	PENAFIEL (TÔRRE)
ERICEIRA	ERICEIRA
ESTANCIA HIDROLOGICA DO PESO	MELGAÇO
LOCAL DA PENHA	GUIMARAIS
LUSO-BUSSACO	BUSSACO
MONTE-REAL	LEIRIA
OURA	CHAVES
PEDRAS-SALGADAS	PEDRAS-SALGADAS
PRAIA DA AGUDA	VILA-NOVA-DE-GAIA
PRAIA DA AREIA BRANCA	LOURINHA
PRAIA DA CACELA	VILA-REAL-DE-SANTO-ANTONIO
PRAIA DO FURADOURO	OVAR
PRAIA DA GRANJA	GRANJA
PRAIA DE MIRAMAR	VILA-NOVA-DE-GAIA
PRAIA DE MOLEDO DO MINHO ...	CAMINHA
PRAIA DA QUARTEIRA	LOULÉ
PRAIA DA TORREIRA	MURTOSA
S. MARTINHO-DO-PORTO	S. MARTINHO-DO-PÔRTO
TERMAS DO GEREZ	GEREZ
TERMAS DE MONFORTINHO	SALVATERRA-DO-EXTREMO
TERMAS DE S. PEDRO-DO-SUL	S. PEDRO-DO-SUL
TERMAS DE VIZELA	VIZELA
VIDAGO	VIDAGO
VILA-DA-PRAIA-DE-ANCORA	VILA-DA-PRAIA-DE-ANCORA — CAMINHA

COMISSÕES MUNICIPAIS DE TURISMO

LOCALIDADES	LOCALIDADES
ALBUFEIRA	MANTEIGAS
ALCOBAÇA	MARINHA-GRANDE
ALMADA	MATOZINHOS
ARGANIL	MONCORVO
AVEIRA	MONÇÃO
BARCELOS	MOURA
BATALHA	NAZARÉ
BRAGA	ÓBIDOS
BRAGANÇA	PENICHE
CALDAS-DA-RAINHA	POMBAL
CASTELO-BRANCO	PORTALEGRE
CASTELO-DE-VIDE	PORTIMAO
COIMBRA	PÓVOA-DE-VARZIM
COVILHA	SANTARÉM
ESPINHO	SANTO TIRSO
ÉVORA	SETUBAL
FARO	SINTRA
FIGUEIRA-DA-FOZ	TOMAR
FIGUEIRÓ-DOS-VINHOS	TÔRRES-VEDRAS
GUARDA	VIANA-DO-CASTELO
LAGOA	VILA-DO-CONDE
LAGOS	VILA-REAL-DE-S.to ANTÓNIO
LEIRIA	VILA-VIÇOSA
LOUSA	VISEU
MAFRA	VOUZELA

TODOS ÊSTES ORGANISMOS INFORMAM ÀCÊRCA DO TURISMO NAS RESPECTIVAS REGIÕES

ALGUMAS PRAIAS RECOMENDADAS PARA PRIMAVERA

PRAIAS	DIVERSÕES	HOTÉIS E PENSÕES	TRANSPORTES	OBSERVAÇÕES
ARRÁBIDA (Portinho da)		Pensão Gama Diária: 27$50 Almôço: 12$00 Jantar: 14$00	Camionetas muito freqüentes de Cacilhas até Azeitão. De Azeitão, automóveis de aluguer para Arrábida. Aos domingos, carreira directa de Cacilhas para a Arrábida. Partida de Cacilhas às 8. Regresso da Arrábida às 19.	Praia muito própria para camping, pesca e natação. Junto à Serra da Arrábida.
COSTA DO SOL: CASCAIS, MONTE-ESTORIL, ESTORIL, S. JOÃO-DO-ESTORIL, S. PEDRO-DO-ESTORIL, PAREDE, CARCAVELOS	Casino, jôgo, dancing, cinemas, golf, tennis, camping, piscina, equitação, tiro, patinagem, ping-pong, etc.	Muitos Hotéis e Pensões de tôdas as categorias. Diárias de 25$00 a 250$ (Restaurantes, Casas de Chá e Bar)	Caminho de Ferro eléctrico do Cais do Sodré a Cascais (Soc. Estoril).	
NAZARÉ	(No verão, club-dancing)	Várias Pensões Diárias de 16$00 a 35$00	Caminho de Ferro, linha Oeste (C. P.). Estação do Valado, com ligação para a Nazaré por camioneta. Camioneta directa de Lisboa a Nazaré. Saída da R. Martim Moniz, 51.	Passeios muito pitorescos. Interessantíssimo movimento de pescadores na praia. (Folclore).
CRUZ-QUEBRADA, CAXIAS, PAÇO-DE-ARCOS, S.TO AMARO-DE-OEIRAS			10 a 20 minutos de Lisboa pelo Caminho de Ferro (Soc. Estoril).	Recomendáveis para passar a tarde com crianças.
S. MARTINHO-DO-PÔRTO	(No verão, club-dancing) Tennis - cinema	Hotel do Parque, Pensão Nunes, Pensão Madrid Diárias de 20$00 a 45$00	Caminho de Ferro, linha de Oeste (C. P.).	Baía muito calma, óptima para natação e para crianças.

SUGESTÕES DE PASSEIOS / CIRCUITOS PARA 1 DIA

LISBOA SINTRA ESTORIL LISBOA

DE AUTOMÓVEL

	Kms.
LISBOA	
SINTRA	28
COLARES	8
CABO DA ROCA	10
CASCAIS	3
ESTORIL	3
LISBOA	25
	87

Em Sintra, vários Hotéis e Restaurantes.
Preço médio de um almôço: 15$00.

DE COMBÓIO E CAMIONETA

Combóio:

Partida do Rossio ...... 8,50 ou 11,00
Chegada a Sintra........ 9,48 ou 11,49
Preços: 2.ª classe, 5$40; 3.ª classe, 3$60

Camioneta:

Partida de Sintra....... 15,15 ou 18,00
Chegada ao Estoril.... 16,20 ou 19,05
Preço (pela Serra): 7$50

Combóio:

Do Estoril para Lisboa: muito freqüentes até às 2 horas da manhã.
Preços: 1.ª classe, 9$00; 2.ª classe, 6$40; 3.ª classe, 4$10.

LISBOA PALMELA ARRÁBIDA SEZIMBRA LISBOA

DE AUTOMÓVEL

	Kms.
LISBOA (Cacilhas)	
AZEITÃO	28
PALMELA	12
SETÚBAL	5
ARRÁBIDA	10
SESIMBRA	18
LISBOA (Cacilhas)	32
	105

O custo da travessia do rio, depende da categoria do automóvel.

DE CAMIONETA

	Part. Partida	Cheg.	Prêço
Cacilhas-Setúbal	8,00	9,25	8$50
Setúbal-Palmela	9,45	10,45	3$50
Palmela-Setúbal	11,50	12,10	
Setúbal-Azeitão	17,00	17,20	3$00
Azeitão-Sesimbra	17,45	18,15	4$00
Sesimbra-Cacilhas	19,30	20,30	8$50
			27$50

Custo da travessia do rio: $70 por pessoa

Em SETÚBAL: Restaurante Bocage e Clube Naval.
Preço do almôço: desde 15$00.

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

«Conheça a sua Terra»

Desde Janeiro do ano corrente que a Emissora Nacional transmite, às sextas-feiras à noite, um programa elaborado pelos Serviços de Turismo do S. P. N., com o título de «Conheça a sua Terra».

Como é intuitivo, estas emissões têm por fim despertar e estimular nos portugueses o gôsto pelo conhecimento das belezas naturais e pelos documentos vivos da Arte, da Etnografia e do Folclore do nosso País. Assim, o referido programa já organizou vários passeios e visitas culturais a museus, monumentos e jardins de Lisboa e dos arredores, com uma assistência cada vez maior de pessoas interessadas em ouvir, *in loco,* a exposição dos notáveis artistas, críticos de arte e professores que amàvelmente se têm prestado a servir de guias.

Eis, por ordem cronológica, a lista dessas visitas e os nomes dos respectivos «cicerones».

À *Exposição dos Primitivos Portugueses,* pelo historiador e crítico de arte Luís Reis Santos; à *Igreja de São Roque* e *Museu de Arte Sacra,* pelo crítico de arte Padre Costa Lima; ao *Museu de Arte Contemporânea,* pelo seu director, pintor Sousa Lopes; à *Igreja de Fátima,* pelo arquitecto Pardal Monteiro; ao *Castelo de S. Jorge,* pelo historiador olissipógrafo Matos Sequeira; ao *Museu das Janelas Verdes,* pelo director dos Museus de Arte Antiga, Dr. João Couto; ao *Palácio* e *Jardins de Queluz,* pelo arquitecto Raúl Lino; *Idem,* pelo conservador do palácio, pintor Ventura Porfírio; ao *Jardim Botânico,* pelo professor Dr. Rui Teles Palhinha, e ao *Convento de Mafra,* pelo Dr. Silva Lopes, seu conservador.

«Conheça a sua terra» promoveu, ainda: — uma conferência àcêrca das *Possibilidades do Cinema Português,* pelo realizador e crítico cinematográfico António Lopes Ribeiro, que teve lugar no *Cinema Central* e foi seguida da exibição de dois filmes nacionais; dois concursos: um, fotográfico, para o álbum *A Neve no País do Sol* — a publicar-se brevemente — e outro que deu o título de *Panorama* à nossa revista; uma excursão à Serra da Arrábida, em camionetas; uma visita ao interior da Tôrre de Belém — que dentro de algum tempo se repetirá, guiada por um crítico de arte.

Actualmente, exibe-se numa das montras do S. P. N. uma composição decorativa de José Rocha, consagrada a estas emissões — cujo plano de acção deverá estender-se, em breve, a outras províncias do Continente.

Um concurso permanente de montras em Lisboa

O S. P. N., prosseguindo na sua campanha do bom gôsto, que em 1940 teve, na 1.ª Exposição de Montras, uma das suas mais felizes realizações, resolveu alargar, no corrente ano, os limites do certame e abrir um Concurso de Montras, entre os estabelecimentos das artérias de Lisboa, seja qual fôr o seu ramo de negócio.

A inscrição, absolutamente gratuita, é feita mediante solicitação ao director do S. P. N., num boletim fornecido por êste organismo. O prazo do concurso termina em 31 de Dezembro de 1941, exceptuando-se apenas, neste período, os meses de Agôsto e Setembro.

O regulamento do concurso, os boletins de inscrição e quaisquer esclarecimentos podem ser solicitados na Secção Técnica dos Serviços Exteriores do S. P. N.

2.ª Exposição Nacional de Floricultura

A Câmara Municipal de Lisboa organizou, para o mês de Junho, na Tapada da Ajuda, a «2.ª Exposição Nacional de Floricultura». Trata-se de uma realização por todos os motivos digna de aplauso, cujos efeitos hão-de, necessàriamente, contribuir para o desenvolvimento do turismo nacional.

No próximo número de «Panorama» arquivaremos os documentos fotográficos de alguns dos mais belos exemplares apresentados na exposição.

Visitas a algumas zonas de turismo

O Director do S. P. N. visitou, no mês passado, algumas das zonas de turismo do distrito de Castelo-Branco, onde foi a convite das entidades locais, para observação directa das possibilidades e necessidades dessas regiões, sob o ponto de vista turístico.

Durante a visita (na qual foi acompanhado do Governador Civil do distrito, presidente da Câmara Municipal de Castelo-Branco, presidente da Junta de Província, técnico dos Serviços Municipais e outras entidades), o Sr. António Ferro ocupou-se, especialmente, dos problemas turísticos que interessam mais directamente à cidade de Castelo-Branco, Termas de Monfortinho, Monsanto (a «Aldeia mais portuguesa de Portugal»), Monforte-da-Beira e outros pontos do distrito, nos quais foi, depois, festivamente recebido pelo povo.

O Sr. António Ferro esteve, também, durante o mesmo mês, em Tôrres-Vedras, Praia de Santa Cruz, Lourinhã, Praia da Areia Branca, Arruda-dos-Vinhos e Sobral-de-Monte-Agraço, onde tomou conhecimento dos problemas que mais interessam a estas localidades.

Outras regiões turísticas do País serão, em breve, objecto das visitas do Director do S. P. N.

Concurso das estações floridas

É outra iniciativa dos Serviços de Turismo do S. P. N. Destina-se, esta, a estimular a ornamentação das estações de Caminhos de Ferro do Continente, com placas e canteiros ajardinados, vasos de sardinheiras, trepadeiras, etc.

Aos chefes das estações que provarem possuir, durante o mês de Julho, melhor gôsto decorativo nesses arranjos — que tornam tão graciosos e amáveis os apeadeiros — serão atribuídos três prémios: um de 2.500$, outro de 1.500$ e o terceiro de 1.000$ escudos. Para êsse fim, será constituído um júri de quatro autoridades competentes, que percorrerá as estações concorrentes, revelando-se a decisão final na primeira quinzena de Setembro.

Os mapas artísticos do «Panorama»

O mapa colorido que publicamos, em *hors-texte,* no presente número, é o primeiro de uma série em que serão focados, por artistas diferentes, todos os aspectos de atracção turística do nosso País.

Neste, Roberto de Araújo localizou os principais monumentos, zonas de turismo e trajes populares das várias regiões.

A colecção que os assinantes e compradores do *Panorama* reünirem, constituirá, no fim da publicação, um interessante e útil documentário, cuja consulta lhes dará uma rápida visão dos elementos mais característicos da nossa paìsagem, da nossa riqueza artística e dos nossos costumes.

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

PRIMEIRA JORNADA

Se o homem começou a «fazer turismo» por obedecer a uma tendência inata do seu temperamento dinâmico e ao impulso natural do seu espírito de aventura, hoje, procura na viagem recreativa uma compensação tónica do desgaste provocado pela vida de intenso trabalho que lhe é imposta.

Êste movimento foi aproveitado e deu origem a uma indústria que, no aperfeiçoamento da sua evolução, desempenha apreciável função cultural divulgando as belezas naturais do País e o valor dos monumentos históricos. Os guias são quási compêndios de história! E num país, rico de testemunhos de um tão longo e glorioso passado como o nosso, uma viagem turística, levada a rigor de «Beadecker», pode tomar aspectos de estopante tarefa de estudante. É necessário procurar compensar o turista para que êle não venha a abandonar, por demasiado pesado, o gôsto de «fazer turismo».

Assim, quando se disser a um viajante: visite tal mosteiro maravilhoso... acompanhe-se logo o conselho com outro não menos apreciável: um bom almôço regional reconfortá-lo-á, regado por aquêle precioso vinho...

A garantia de um bom prato, de um bom vinho, animarão ao empreendimento.

Desta verdade, que os próprios poetas não rejeitarão, nasceu a idéia de dar ao turista, como guia, o vinho. Onde há vinho há, também, a certeza de se encontrar espírito, cultura, folclore curioso, manifestações de uma velha civilização, porque, desde o respeitável Horácio, que citou nos seus versos os vinhos portugueses, a cultura da vinha e o fabrico do vinho são característica essencial dos povos de civilização mediterrânea, em que Portugal se inclui.

Nesta nesga da Península Ibérica parece que a natureza se deleitou na arrumação de uma das mais completas colecções enológicas jamais verificadas. Com a certeza de uma variação cheia de interêsse, quem percorrer Portugal pela «estrada do vinho», ficará conhecendo o nosso país, a nossa gente, a nossa vida nos seus mais curiosos aspecto.

Vem a propósito uma recomendação: procure-se sempre beber vinho do têrmo. Isto é, quando se estiver no Algarve, não se reclames vinho de Amarante; em Viana-do-Castelo não se peça vinho da Fuzeta.

O conhecimento da cozinha típica, intimamente ligada aos vinhos da região, é essencial para que se compreenda a gente que a curiosidade nos levou a visitar.

Há pontos, como no Douro, onde existe uma verdadeira mística do vinho, que domina tôda a vida; — quem o visitar, se quiser ficar conhecendo essa curiosíssima região, poderá ignorar os seus vinhos? Se os beber lá, compreenderá melhor o que o rodeia, saberá interpretar a célebre «chula»...

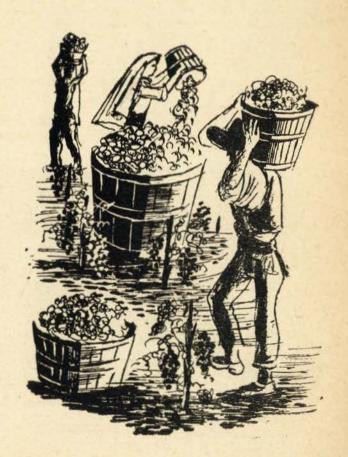
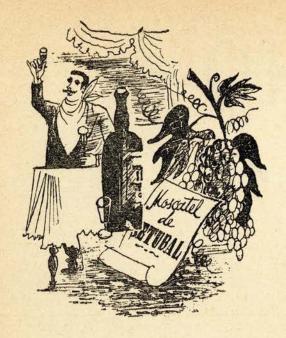
O cinema, na sua utilíssima acção de divulgação, dá-nos, nos seus comentários, a visão de terras longínquas, de gentes várias, de costumes estranhos, de arquitecturas diversas.

Pela retina ficaremos conhecendo certo monumento, mas faltar-nos-á o sentimento da sua construção, porque não vibrámos junto às suas pedras, porque não o sentimos; não teremos apreendido o seu espírito porque não estivemos nêle, não entrámos no seu mistério, não pressentimos a sua alma.

Ora, como no cinema, em qualquer restaurante podemos ter na nossa frente todos os vinhos portugueses — pelo paladar poderemos fixar o seu tipo, mas não compreenderemos nunca porque são assim diferentes uns dos outros.

O vinho é a expressão misteriosa da terra que o deu — a terra está no vinho, mas só a surpreenderemos nêle se a conhecemos já.

O vinho surge-nos, assim, como preciosa chave que nos desvenda mistérios, ao mesmo tempo que influi aprazìvelmente como bom companheiro.

É preciso ir beber os vinhos portugueses onde êles foram produzidos. Depois, sempre que os bebemos, com delícia, com recolhimento, aspirando os seus aromas, será tão fácil a recordação da região que lhe foi berço!

Aquêle que não bebeu o vinho na terra natal, só o aprecia nos limites acanhados do copo — não consegue uma fuga de recordações, não poderá gozar-lhe o espírito nem tirar dêle todo o poder evocador que possui.

Alinhavamos êstes conceitos sem a pretensão de elaborar um programa ou impor um catecismo. Vão em guisa de intróito à série de artigos que se seguirão e como justificação do intento que nos levou a encarar o turismo em Portugal sob êste aspecto: — o vinho é o melhor guia para se percorrer a nossa terra.

Êstes artigos, divididos em jornadas, não são um compêndio técnico — apenas breves indicações para uso dos que quiserem orientar-se pelos monumentos enológicos do seu país e viajar aprazìvelmente.

Não esqueça que, além de tôda a influência económica e social que o vinho tem entre nós, são apreciáveis os seus serviços de carácter político na propaganda que além fronteiras, por terras estranhas, faz do nome de Portugal. Alguns exemplos ilustram esta afirmação.

Na Feira Internacional de Paris, todos os anos há um almôço em que só são servidos vinhos franceses... e o portuguesíssimo «Pôrto», porque é insubstituível!

O célebre Nelson, na batalha de Trafalgar, foi com um vinho português que, sôbre uma mesa, desenhou o desenrolar das operações.

Foi ainda um vinho português, o «Bucelas», que curou o rei Jorge III dè Inglaterra de certa enfermidade renal.

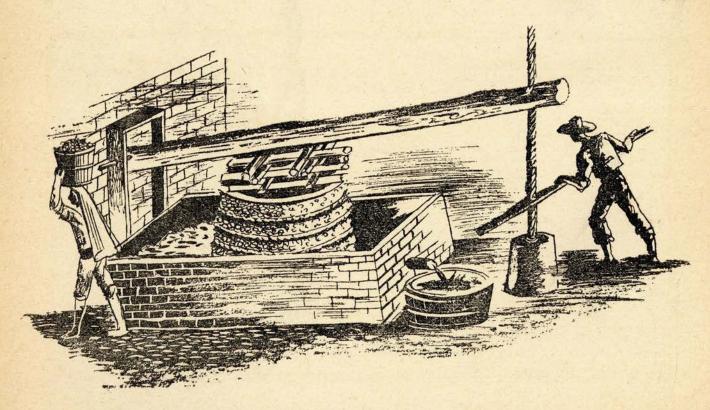
Entre os presentes que D. José I, em 1752, enviou à côrte de Pequim, iam barris de «Carcavelos».

Com os vinhos portugueses conhece-se Portugal — conheçamos a nossa terra guiados por êles.

*
* *

Estamos em Lisboa. Daqui partiremos para a primeira jornada: Cais do Sodré, a travessia do Tejo por fresca manhã doirada, Cacilhas. A estrada é boa e em pouco tempo leva-nos a Azeitão, depois de atravessarmos a aldeia de Paio-Pires ,de sabor tão medieval... Teremos chegado ao coração de uma das mais velhas regiões vinhateiras, o que é atestado pelos forais e privilégios concedidos pelos primeiros reis. D. Manuel I concedeu, em 1514, um novo foral em que constantemente se fazem referências especiais aos direitos e obrigações a que estavam sujeitos os já famosos vinhos de Setúbal.

No tômo da vila de Sezimbra há indicações sôbre a «Têrmo de Azeitão», nos séculos XV a XVII, que referem a existência de inúmeras vinhas e casas com lagar e adega. Parece, mesmo, que foi esta região o berço da velha prensa de vara e pêso, de que ainda hoje se encontram, curiosos espécimes.

Para prova da antiguidade da vinha nestas paragens, se não quisermos o erudito testemunho dos pergaminhos, podemos contentar-nos com êste velho rifão: «em Azeitão ou vinha ou pinha».

É neste ambiente, cêrca de evocativa quinta da Bacalhoa e dominado pelas linhas sóbrias do solar dos duques de Aveiro que faremos o primeiro alto. — Que maravilhosa sombra a daqueles plátanos que se erguem na berma da estrada!

Porque não tomaremos já o aperitivo? — um cálice de moscatel com uma gêma de ôvo batida aquecerá o primeiro contacto com o sumo das cêpas que já eram afamadas no tempo do Rei Lavrador e que Luiz XIV de França, o Rei Sol, não dispensava à sua mesa.

O professor J. Ribeiro classificou assim o «Moscatel de Setúbal»: «a quinta essência dos vinhos licorosos, quando velho, é meduloso sem ser doce, perfume complexo, etéreo e agradabilíssimo, e uma grossura que não impede a lágrima no copo e a deglutição fácil».

«C'est du veritable soleil en bouteilles!» — exclamou o director do *Office International du Vin,* quando, em Azeitão, o bebeu.

Retomada a marcha, siga-se para Setúbal, depois de fazer o pequeno desvio que leva ao vètusto Castelo de Palmela. Em linhas suaves, o panorama desenvolve-se, largo e ondulante: antes da filoxera, tudo aquilo estava coberto de vinhas... e dava o vinho que o Duque, senhor do têrmo, mais apreciava.

Voltando-se à estrada, por surprêsa, no Alto do Enforcado, topa-se novamente com outro aspecto panorâmico digno de nota — e entra-se, finalmente, no velho burgo cuja fundação é dada pela tradição ao patriarca Túbal, filho de Gaphet e neto de Noé, onde os fenícios e os romanos tiveram assento, como o atestam as ruínas de Tróia, antes Setóbriga, submersa pelas águas do Kallyjurs, que hoje chamamos Rio Sado.

Enquanto os salmonetes na grelha se preparam (não se pode almoçar em Setúbal sem comer salmonete na grelha) prepare-se o apetite com uma volta.

A cidade não é muito rica de monumentos históricos; mas, como centro da indústria conserveira e pôrto piscatório, tem interêsse. O cais, as fábricas, o mercado do peixe onde estadeiam as mais variadas espécies... Visitem-se as igrejas de Santa Maria da Graça, S. Julião, Jesus (o mais notável monumento de Setúbal, construído pelo mestre João Botaca nos fins do século XV), Anunciada, S. João, Bonfim, S. Julião — repare-se, ainda, no Paço do Duque, no Convento de S. Francisco, no Chafariz da Praça do Bocage, no Cruzeiro (em mármore vermelho da Arrábida).

E depois disto, portadores, certamente, de um apetite heróico, avance-se para a prometedora mesa onde um repasto suculento disporá bem os corpos e animará os espíritos. Comece-se com a variedade enorme das conservas (não se esqueça a pasta ou ovas de sardinha, que entre nós substituem o celebrado caviar) na boa companhia do vinho branco de pasto, côr de topázio, perfumado, suave... êste mesmo pode continuar a servir-se para completar os sabores delicados do salmonete grelhado.

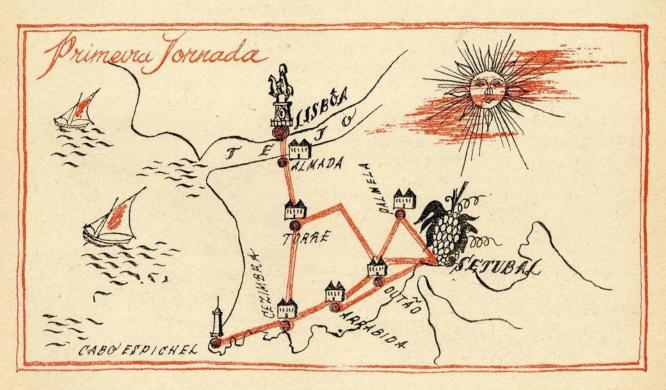
Segue-se a vez do vinho tinto, aveludado, macio, de tons abertos. Qualquer peça de caça, em que a região é pródiga, acabará por conquistar os elogios dos gastrónomos.

Com o inconfundível «Moscatel de Setúbal», doirado e aromático, adamado, que sabe conciliar o paladar másculo dos homens e a sensibilidade das senhoras, à sobremesa, coma-se o queijo de Azeitão.

E agora, retome-se a marcha. Da esplanada do Forte de S. Filipe, antiga fortificação do tempo dos Filipes, admire-se o panorama vasto da cidade reclinada sôbre o rio que se perde, ao longe, num horizonte de montes... rica terra de tão rico vinho!

Caminho do Outão, siga-se a estrada da Arrábida, onde o Convento se aninha entre verduras; desça-se ao Portinho; visite-se a Lapa de Santa Margarida...

Duvido que seja fácil arrancar-se alguém de tão encantador ambiente; mas se o acaso proporcionar tempo, estique-se o passeio até Sesimbra, onde o altaneiro Castelo oferece miradoiro de largas vistas e donde se pode continuar até à ponta da península que entra no oceano, o cabo Espichel.

Em casa, ao jantar, as garrafas de vinho que se trouxeram do passeio serão novo pretexto para o relembrar: — o cálice fechado na mão para tirar o frio do cristal, depois de se admirar os reflexos de oiro que a luz arrancará ao topázio perfumado, em goles, bem saboreados, de olhos semi-cerrados, procure-se encontrar, no «moscatel», a suavidade, o encanto da paisagem amável que acabou de ser percorrida e encheu um domingo «bem passado».

ÁGUAS DE MONFORTINHO

NA margem direita do rio Ergeia, cujas águas são tributárias do Tejo e delimitam o distrito de Castelo-Branco da província espanhola de Cáceres, está a nascente das águas da Fonte Santa, a dois quilómetros e meio da aldeia de Monfortinho.

A sua água — assim como a de outras pequenas fontes próximas — utilizada já há mais de 2 séculos, tem a «prodigiosa virtude de sarar várias enfermidades, bebida ou aplicada em banhos», como diz o Padre João Baptista de Castro no «Mapa de Portugal», resumindo o informe que sôbre ela dá Francisco da Fonseca Henriques, autor do «Arquilégio Medicinal» (1726).

Foi, primitivamente, a água da Fonte Santa canalizada até à falda da serra, para um tanque abrigado numa casa abobadada, cuja construção, segundo se diz, se deve ao infante D. Francisco, irmão de D. João V.

Estância muito concorrida no século XVIII por doentes portugueses e espanhóis, chegou, mais tarde, a estar em quási completo abandono. Contudo, dada a grande reputação daquelas águas, pelas curas verificadas, nunca deixou de ter freqüentadores, apesar de o balneário estar em ruínas e das más condições de alojamento.

Era o prestígio da tradição que, mantendo-se e confirmando-se, levava doentes, anualmente, às águas de Monfortinho a procurar alívio para os seus padecimentos; eram os resultados obtidos pelos que uma vez as tomaram ou se banharam nelas, que lá conduziam as novas pessoas que afluíam, não só do distrito de Castelo-Branco, mas dos mais diversos pontos do país e de Espanha.

A falta de instalações adequadas e até mesmo do mínimo confôrto, as dificuldades da jornada a vencer, não faziam desistir os que confiavam na cura.

Assim, impunha-se que se estabelecesse ali uma estância termal, que se empreendesse a edificação de um hotel moderno, a perfeita captagem das águas e se fizessem as obras indispensáveis de saneamento e urbanização do local; enfim, que se criassem condições de permanência dos doentes.

Por isso a Companhia das Águas de Monfortinho não se furtou a canseiras e esforços para realizar aquêles planos, tendo já dispendido capitais que vão além de 2.500 contos.

Os doentes das regiões da Beira Baixa, do Ribatejo e do Alentejo, pela explêndida localização e facilidade de acesso, têm agora, devidamente aparelhadas, sob o ponto de vista terapêutico e turístico, uma das mais antigas e reputadas termas do país.

Estas águas, secularmente concorridas e afamadas, têm realizado as mais extraordinárias curas de graves afecções da pele, mucosas gastro-intestinais, oculares e genitais, e de grande número de manifestações internas e externas do artritismo, em que nenhumas as igualam.

Devido ao seu grande poder reconstituinte, eliminador das toxinas e impurezas do sangue e tecidos — propriedades evidentes a quem as observa — e que se revelam nas auto-intoxicações, afecções gastro-intestinais, (especialmente: atonias, gastro-enterites, gastralgias, etc.), fígado, gota, diabetes, etc., são ainda muito recomendadas na litíase úrica, furuncolose, escrofulismo, erisipelas, blefarites e conjuntivites crónicas, perturbações uterinas, etc., e úlceras rebeldes, especialmente herpéticas e varicosas, em cujas afecções têm conseguido notáveis curas, observadas por centenas de médicos nacionais e estrangeiros os quais ali mandam, anualmente, milhares de enfermos de tôdas as doenças, considerando as águas excepcionais pela rapidez dos seus efeitos, que por vezes surpreendem, e ainda pelo seu processo de cura, que nenhuma dieta termal exige.

É nestes diversos casos que o uso terapêutico das águas de Monfortinho é de aconselhar, em face das suas características, hoje perfeitamente definidas, e da análise química já determinada.

Assim, devem elas ser classificadas:

1.º — Sob o ponto de vista químico como: hipotermais, hiposalinas, bicarbonatadas cálcicas e magnesianas, cloretadas sódicas e potássicas, sulfatadas, sódicas e cálcicas, litinadas e pronunciadamente silicatadas, gazo-azotadas e carbónicas e eminentemente hipotónicas;

2.º — Sob o ponto de vista radiológico como: fortemente rádio-activas, contendo 20,9 unidades Mache;

3.º — Sob o ponto de vista bacteriológico como: puríssimas.

Informador do Turista

PÔRTO

Hoteis

GRANDE HOTEL DA BATALHA
Praça da Batalha

HOTEL SUL AMERICANO
Praça da Batalha

PENINSULAR HOTEL
R. Sá da Bandeira

HOTEL ALIANÇA
R. Sampaio Bruno

Restaurantes

RESTAURANTE ESCONDIDINHO
R. Passos Manuel, 144

Salão de Chá

PALLADIUM
Ângulo das ruas Santa Catarina e Passos Manuel

Cinemas

SÃO JOÃO CINE
Praça da Batalha

ÁGUIA DE OURO
Praça da Batalha

MOVEIS
NASCIMENTO
DECORAÇÕES
VENANCIO do NASCIMENTO
VENÂNCIO DO NASCIMENTO
DECORADORES
ALGUNS TRABALHOS
RESTAURANTE NEGRESCO
PALÁCIOS HOTEIS DA
PÓVOA E ESPINHO
CASINOS DA
PÓVOA E ESPINHO
TURISMO DA COVILHÃ
PÔRTO · EM FRENTE AO TEATRO RIVOLI · TELEF. 1293
LISBOA · ÂNGULO DE BARATA SALGUEIRO
E RODRIGUES SAMPAIO · TELEF. 51695

Editorial Ática, L.da - Composição e impressão no Anuário - Of. Gráficas - Praça dos Restauradores - Lisboa